

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

JULIANA CRISTINA MAGRIN

**OPINIÕES DE HOMENS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A
MULHER**

CAMPINAS/SP

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

JULIANA CRISTINA MAGRIN

**OPINIÕES DE HOMENS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A
MULHER**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida - PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira

CAMPINAS/SP

2022

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

364.374
M212o

Magrin, Juliana Cristina

Opiniões de homens sobre a violência doméstica contra a mulher / Juliana Cristina Magrin. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

101 f.: il.

Orientador: Wanderlei Abadio de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

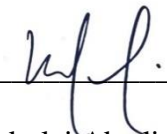
1. Violência contra as mulheres. 2. Violência conjugal. 3. Relações homem-mulher. I. Oliveira, Wanderlei Abadio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 364.374

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
JULIANA CRISTINA MAGRIN
OPINIÕES DE HOMENS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A
MULHER

Dissertação defendida e aprovada em 08 de fevereiro de 2022 pela

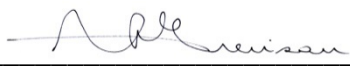
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira

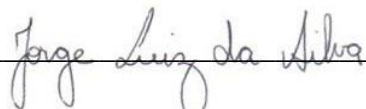
Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão
Examinadora

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Jorge Luiz da Silva

Universidade de Franca (UNIFRAN)

Dedico esse trabalho às minhas avós, que foram vítimas de violência doméstica contra a mulher por tanto tempo em suas vidas, assim como a todas as outras mulheres da minha família e amigas próximas que vivenciaram situações semelhantes. Eu espero que este estudo contribua, de alguma forma, para que cada vez menos mulheres passem pelo mesmo que elas passaram.

Somos mais do que as partes que nos formam.

(Patrick Rothfuss)

Agradecimentos

Penso que tenho muita sorte por todos aqueles que me acompanharam nestes dois anos, com certeza é um grande privilégio poder contar com apoio de pessoas tão queridas em uma trajetória difícil em muitos sentidos. Estendo todos os meus agradecimentos à essas pessoas.

Ao meu pai, Fernando, por sempre me incentivar a dar o meu melhor em tudo que me proponho a fazer, com o cuidado de me lembrar que a jornada é “sangue, suor e lágrimas!”, mas que eu sou capaz de conquistar meus sonhos com dedicação e persistência.

À minha mãe, Catia, por sempre me apoiar, ouvir e acolher incondicionalmente, por todas as horas que disponibilizou para estudar comigo na graduação, por sempre me incentivar, junto do meu pai, em absolutamente tudo o que eu faço. Vocês são minha inspiração.

Ao meu companheiro de vida, Guilherme, por inúmeros motivos, mas principalmente por me dar a sorte de um amor tranquilo e por me acompanhar em todas as etapas da Pós-Graduação, sempre segurando minha mão.

À minha psicóloga, Patrícia, por toda escuta e acolhimento, mas especialmente pelo suporte na minha busca constante em me encontrar como profissional de Psicologia.

Aos meus colegas de mestrado, em especial Suzanna, Letícia e Laís, que foram companhia, suporte e conforto, mesmo quando nos disseram que a Pós-Graduação era um caminho solitário.

Ao meu grupo de pesquisa, por sempre promoverem discussões ricas que contribuíram para o estudo.

À banca de qualificação, Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza e Prof. Jorge Luiz da Silva, pelas reflexões e sugestões que enriqueceram o meu trabalho.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Wanderlei Abadio de Oliveira, pelas trocas, dedicação, acolhimento e disponibilidade, mas principalmente pela paciência e parceria, que

foram essenciais para o resultado deste trabalho que me orgulho.

Aos participantes que aceitaram contribuir para esta pesquisa com suas percepções, opiniões, sentimentos e histórias de vida.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que também merece ser reconhecido nesse agradecimento.

Resumo

Magrin, Juliana Cristina. *Opiniões de homens sobre a violência doméstica contra a mulher*. 2022. 101f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

A violência doméstica contra a mulher é considerada um problema de saúde pública que afeta individualidades e o contexto social. Estudos têm se dedicado à análise desse fenômeno complexo e multifacetado, porém existem lacunas no que se refere à perspectiva dos homens sobre o problema. Assim, este estudo objetivou compreender narrativas masculinas sobre a violência doméstica contra a mulher. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, no qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 homens maiores de 18 anos, de forma remota. A Análise Temática foi utilizada no processo analítico e 26 códigos emergiram, resultando em três temas. Os participantes utilizaram as próprias vivências para falar sobre o tema em foco. Os resultados abrangeram, principalmente, questões acerca dos processos proximais de homens, histórias de vida e o papel da família no desenvolvimento de comportamentos agressivos. Os fatores de risco para a violência doméstica mais elencados foram: masculinidades tóxicas, cultura machista e do patriarcado, e comportamentos das vítimas. Foram expressos sentimentos sobre a violência, como raiva e apatia. As mulheres foram entendidas como vítimas, mas também como culpadas pelas agressões sofridas. Denota-se a importância de envolver os homens no debate sobre a temática, pois esse tipo de iniciativa pode auxiliar na prevenção da ocorrência do fenômeno. Outro olhar sobre a violência doméstica contra a mulher é oferecido por essa investigação.

Palavras-chave: violência contra a mulher; violência doméstica; relacionamentos íntimos.

Abstract

Magrin, Juliana Cristina. *Men opinions about the domestic violence against women*. 2022. 101p. Dissertation (Master's Degree) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

Domestic violence against women is considered a public health problem that affects individualities and the social context. Studies have been dedicated to the analysis of this complex and multifaceted phenomenon, but there are gaps in terms of men's perspective on the problem. Thus, this study aimed to understand male narratives about the phenomenon of domestic violence against women. This is a qualitative, descriptive, and exploratory study, in which semi-structured interviews were conducted remotely with 13 men above 18 years old. Thematic Analysis was used in the analytical process and 26 codes emerged, resulting in three themes. The participants used their own experiences to talk about the topic. The results mainly covered questions about men's proximal processes, life histories and the role of the family in the development of aggressive behavior. The most listed risk factors for domestic violence were toxic masculinities, sexist and patriarchal culture, and victim behaviors. Feelings about violence, such as anger and apathy, were expressed. Women were understood as victims, but also as guilty for the aggressions they suffered. It is important to involve men in the debate on the subject, as this type of initiative can help prevent the occurrence of the phenomenon. Another perspective about domestic violence against women is offered by this investigation.

Keywords: domestic violence; intimate partner violence; violence against woman

Lista de Figuras

Figura 1: Síntese dos estudos revisados.

Figura 2: Nuvem de palavras obtida por análise do software Iramuteq.

Figura 3: Análise de similitude realizada pelo software Iramuteq.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Termos utilizados na seleção inicial.

Tabela 2: Temas e códigos construídos no processo de análise temática.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AT – Análise Temática

CEP/PUC-Campinas – Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CFP – Conselho Federal de Psicologia

COVID-19 – *CO*rona*VI*rus *D*isease

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Iramuteq – Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero

LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*

Sumário

Apresentação e Justificativas	11
Introdução	14
<i>Os cenários de violência contra a mulher</i>	17
<i>O homem nos estudos sobre violência doméstica contra a mulher</i>	19
Objetivos	25
<i>Objetivo Geral</i>	25
<i>Objetivos Específicos</i>	25
Método	26
<i>Tipo de estudo</i>	26
<i>Participantes</i>	27
<i>Procedimentos</i>	27
<i>Técnica de coleta de dados</i>	28
<i>Análise dos dados</i>	28
<i>Aspectos éticos</i>	30
Resultados e Discussão	32
<i>Aspectos gerais</i>	32
<i>Tema 1: Leituras masculinas sobre a violência doméstica</i>	39
<i>Tema 2: Reflexões sobre ser homem e masculinidades</i>	58
<i>Tema 3: Os extremos da agredida: vítima e culpada</i>	72
Considerações Finais	82
Referências	85
Apêndice A	100

Apresentação e Justificativas

São as perguntas que não sabemos responder que mais nos ensinam. Elas nos ensinam a pensar. Se você dá uma resposta a um homem, tudo o que ele ganha é um fato qualquer. Mas lhe dê uma pergunta e ele procurará suas próprias respostas.¹

Não há forma melhor de iniciar a minha apresentação do que utilizando essa citação do meu livro favorito. Se me for permitido fazer uma pequena generalização, eu diria que, nós, psicólogas², compartilhamos de inquietações internas – as tais perguntas sem respostas – que acabam nos fazendo constantemente buscar mudanças na sociedade: seja na clínica tradicional, auxiliando pacientes a encontrarem seus próprios caminhos para a mudança; seja em escolas, almejando contribuir para o desenvolvimento de estudantes e professores; seja em empresas, buscando qualidade de vida para trabalhadores; seja em órgãos públicos, lutando pela igualdade social. O meu caso não é diferente.

Ingressei na faculdade de Psicologia em 2015, aos 17 anos, mas, desde os 14, tinha certeza de que era o que eu queria. Sempre me encantou a psicologia que foge da clínica tradicional: jurídica, forense, social, dentre tantas outras. Na graduação, não tive a oportunidade de seguir esses caminhos, mas, na pós-graduação, encontrei a possibilidade de pesquisar uma temática tão importante que se enquadrava perfeitamente nos meus interesses. Assim, a ideia inicial desse estudo consistia em realizar entrevistas com homens acusados de violência doméstica contra a mulher, de forma presencial, em delegacias da mulher, buscando entender um pouco mais sobre suas motivações e histórias de vida. Contudo, como se a pós-graduação já não fosse suficientemente desafiadora, com ela veio a pandemia da COVID-19 e, por

¹ Trecho do livro “O Temor do Sábio”, de Patrick Rothfuss. Editora Arqueiro, 2011, p. 545.

² Nesse estudo se utilizará o substantivo “psicólogas” flexionado no gênero feminino, pois segundo pesquisa elaborada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), a categoria profissional é composta por 89% de mulheres (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

consequência, o isolamento social. No início, ainda havia a esperança de continuar com a ideia original, porém, passados seis meses de incertezas acerca do fim da pandemia, essa esperança se esvaiu, abrindo espaço para o que se tornou este estudo. Mas por que homens?

É claro que falar sobre esse fenômeno não vem apenas do interesse pelo assunto, há também uma estima pessoal em estudá-lo. Há uma lista (longa) de familiares, amigas e colegas que passaram – e ainda passam – por essas situações. Confesso que ver tantos casos próximos gerou certo sentimento de impotência, principalmente como profissional da psicologia.

Na pandemia, entre março e agosto de 2020, 1 mulher foi vítima de feminicídio³ a cada 9 horas, ou seja, em média, 3 mulheres foram mortas por dia.⁴ Assim, é preciso assinalar que a violência doméstica contra a mulher é considerada um grave problema de saúde pública, e essa é a primeira justificativa para estudá-la. Estudos sobre esse tipo de violência comumente trazem a perspectiva de mulheres vítimas, explorando impactos a curto e longo prazo das agressões que sofrem ou sofreram. Ao mesmo tempo em que existem diversas pesquisas nessa perspectiva, pouco se estuda sobre o prisma de homens acerca do fenômeno da violência contra a mulher. Trazer mais estudos por esta ótica pode ampliar a compreensão sobre variáveis que podem aprofundar os conhecimentos sobre a violência doméstica contra a mulher, assim como pensar em formas de protegê-la ou minimizá-la por meio de políticas públicas, o que vai muito além da punição legal (Cortez & Souza, 2010).

Somado a isso, existe a questão do despreparo de profissionais da saúde, como psicólogas e enfermeiros, ao se deparar com a demanda de escuta de homens acusados de agressão, muitas vezes não tendo referências para basear suas estratégias de prevenção e intervenção, na busca por reduzir danos e a agressão propriamente dita (Letierre & Nakano, 2011).

³ Feminicídio: expressão utilizada pela primeira vez por Diana Russel em 1976, trata-se do homicídio de mulheres por questões de gênero, geralmente perpetrada por parceiros íntimos (Meneghel & Portella, 2017).

⁴ Monitoramento “Um vírus duas guerras”, realizado por Amazônia Real, AzMina, #Colabora, Eco Nordeste, Marco Zero Conteúdo, Portal Catarinas e Ponte Jornalismo.

Assim, em meio às inquietações pessoais e às suas justificativas mais globais, o estudo em tela buscou expor narrativas e opiniões de homens acerca da violência doméstica contra a mulher, visando contribuir para uma compreensão ampliada, bem como trazer dados originais sobre o fenômeno. A potencial contribuição original do estudo reside na abordagem do fenômeno a partir da perspectiva dos homens que são, geralmente, os agentes das agressões. Espera-se, assim, demonstrar a possível existência de questões pouco exploradas, ou mesmo inexploradas, para incentivar a elaboração de mais estudos que utilizem essa ótica de forma aprofundada.

Introdução

Suspeito é preso por tentar matar a facadas ex-companheira.

Mulher atacada por companheiro teve 86% do corpo queimado.

Jovem é morta pelo ex-companheiro na frente dos filhos.

Mulher é morta estrangulada pelo namorado, em Campinas.⁵

A violência é um fenômeno complexo, considerado grave problema de saúde pública que ocorre em diferentes espaços com múltiplas dimensões explicativas. Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se de um ato relacionado ao uso de força física ou demonstração de poder, podendo ser expressa de forma prática ou por ameaças, contra uma pessoa, grupo, comunidade ou contra si próprio (Coelho et al., 2014). Como consequências de sua ocorrência pode-se citar danos físicos, psicológicos, sofrimentos, privações, prejuízo no desenvolvimento ou até mesmo a morte (Lucena et al., 2016). Nota-se que o impacto da violência pode ser percebido de várias maneiras e é provável que sempre tenha estado presente na experiência humana, no processo de civilização (Lucena et al., 2016). Particularmente, interessa neste estudo a questão da violência que acontece no contexto doméstico e é praticada contra mulheres pelos seus companheiros, como assinalado na epígrafe desta introdução. Desta forma, este estudo selecionou como objeto de interesse as narrativas de homens maiores de 18 anos, visando maior entendimento do fenômeno da violência doméstica contra a mulher por esse prisma. Segundo a literatura científica, os abusos perpetrados contra mulheres envolvem questões centrais de desigualdade social e de gêneros, como a divisão desproporcional de poder entre homens e mulheres (Lucena et al., 2016; Amarijo et al., 2020). Neste sentido, a

⁵ Manchetes publicadas na página A Cidade ON Campinas. Todos esses casos aconteceram e foram registrados no primeiro semestre de 2020.

Organização das Nações Unidas (ONU) define a violência contra a mulher como todo ato dirigido a uma pessoa do sexo feminino e praticado, primeira e principalmente, por questões de gênero (Fonseca et al., 2012). Semelhante à esta definição, a literatura científica descreve a violência contra a mulher como toda e qualquer ação violenta que se baseia no gênero e pode resultar em sofrimento para a mulher, envolvendo danos múltiplos e até homicídios (Lucena et al., 2016; Amarijo et al., 2020).

A violência contra a mulher é considerada um problema de saúde pública brasileira muito pertinente (Lucena et al., 2017; Oliveira et al., 2020). No Brasil, um dos maiores marcos do combate à esta violência ocorreu em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), na qual foi especificamente tipificada como crime, além de trazer mais visibilidade às mulheres que sofreram agressões (Meneghel & Portella, 2017). Conforme definida nesta lei, a violência contra a mulher pode ser estratificada em cinco grupos: física, patrimonial, sexual, moral e psicológica (Fonseca et al., 2012). A violência física é considerada a mais comum quando se pensa no conceito de violência, e pressupõe causar lesões e danos ao corpo de uma pessoa (Fonseca et al., 2012). Já a patrimonial implica em prejudicar bens materiais e objetos da vítima, como destruir uma roupa (Diniz, 2017). A sexual refere-se a obrigar um indivíduo a manter relação sexual não desejada, podendo ser como telespectador ou participante (Fonseca et al., 2012). A violência moral define-se por caluniar, difamar e injuriar a vítima (Diniz, 2017). Por fim, a violência psicológica constitui qualquer conduta que tenha como consequência um sofrimento psicológico que afeta a autoestima do indivíduo (Oliveira et al., 2020).

A violência doméstica contra a mulher se constitui em qualquer ato que tem base em vínculos de gênero, que ocorre no âmbito doméstico e, como consequência, traz prejuízos físicos e psicológicos para a mulher (Lucena et al., 2017; Miura et al., 2018). Apesar do ambiente doméstico remeter à ideia de um local seguro, a violência pode muitas vezes ocorrer

dentro das próprias residências das vítimas e estão tão naturalizadas socialmente que podem ser percebidas externamente e internamente como situações normais (Saadi Tosi, 2017). Entretanto, as vítimas desse tipo de violência podem desenvolver diversos transtornos e sintomas, consequentes das lesões em sua integridade biopsicossocial (Lucena et al., 2016). A violência doméstica contra a mulher também pode ser qualificada como violência conjugal, visto que compreende ações em uma relação íntima, envolvendo lesões físicas, psicológicas e sexuais, dano patrimonial e moral e, em casos extremos, homicídio (Letierre & Nakano, 2011). Segundo o Atlas da Violência (2021), o número de atos de violência vem aumentando, assim como a gravidade das agressões, o que implica em um aumento de fatalidades e de sequelas ainda mais rigorosas, dificultando que as vítimas mantenham o curso normal de suas vidas (Cerqueira et al., 2021).

Bastante presente na violência doméstica contra a mulher, a violência psicológica se mostra como a mais silenciosa e, conseqüentemente, é mais perigosa, dado que é de difícil identificação, o que pode ser justificado por, muitas vezes, não ser vista externamente como nos casos de violência física, deixando marcas invisíveis, além de ser comumente narrada nos casos que ocorrem na esfera doméstica (Alencar & Aquino, 2017; Pimentel, 2011). Além disso, agressões psicológicas consistem no tipo de violência mais frequente, em que as vítimas aos poucos perdem a autoestima e aceitam as agressões sofridas, o que contribui para o desenvolvimento de doenças psicossomáticas e sentimento de impotência, vergonha e fragilidade (Fonseca et al., 2012). Essa violência também acaba sendo invisibilizada e naturalizada nas relações de intimidade.

Grande parte das mulheres vítimas de violência conjugal continuam em seus relacionamentos por não conseguirem se desvincular de seus parceiros (Fonseca et al., 2012). Segundo Lima & Werlang (2011), mesmo registrando mais de uma queixa, as vítimas permanecem por, em média, mais três anos com seus agressores. Alguns fatores podem

colaborar para este fato, dentre eles, a dependência emocional e/ou financeira, que contribuem para manter os ciclos de violência (Fonseca et al., 2012), a baixa autoestima, a noção de papéis sociais e o patriarcado (Porto & Bucher-Maluschke, 2014).

Outro fator contribuinte para a permanência no relacionamento é a dificuldade da vítima em desvincular o seu agressor como seu objeto de amor, em que todas as exigências desse objeto de amor são aceitáveis e permitidas (Porto & Bucher-Maluschke, 2014), incluindo os atos violentos. Ao sofrer a agressão, a mulher vivencia a transformação de seu objeto de afeição em uma monstruosidade - em uma total inversão dos contos de fada. Fonseca et al. (2012), em seu estudo com mulheres vítimas de violência conjugal, pontua que a maioria percebe seus companheiros como doentes – psicopatas, esquizofrênicos e com dupla personalidade – não passíveis de responder por seus atos. Desta forma, agarram-se às ilusões de que estes irão mudar para melhor, pois outros momentos do relacionamento foram gratificantes (Fonseca et al., 2012).

Assim, dadas as características do fenômeno e sua forte relação com o contexto doméstico e a proximidade íntima com o agressor, nos últimos anos, erigiu da literatura especializada, a caracterização desse fenômeno como violência por parceiro íntimo ou violências que acontecem nas relações de intimidade. Estudos têm se dedicado à análise desse fenômeno complexo e multifacetado: investiga-se, principalmente, a mulher agredida, os episódios de agressão propriamente ditos e suas consequências (Oliveira, 2018), raramente utilizando a perspectiva do homem, a qual pode contribuir para uma abordagem mais abrangente deste fenômeno.

Os cenários de violência contra a mulher

A violência contra a mulher não é um fenômeno recente. Por exemplo, em 1988, a Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) indicou que o principal lugar de ocorrência desse tipo de violência é dentro da própria casa - na região sudeste, 55% sofreram agressões em suas residências, sendo que 67% tiveram familiares ou pessoas próximas como autores (Romio, 2017). Mais tarde, em pesquisa realizada por Waiselfisz (2012), o Brasil ocupava a 7ª posição no índice de feminicídios, sendo que aproximadamente 69% destes aconteceram no ambiente domiciliar (Romio, 2017). Em nova pesquisa realizada por Waiselfisz, em 2015, surgiram também dados referentes à questão racial, visto que a maior parte das vítimas era jovem e negra (Romio, 2017).

Entre 2008 e 2018, houve um aumento de 4,2% nos assassinatos de mulheres, sendo que neste último ano, estima-se que uma mulher foi assassinada a cada duas horas (Cerqueira & Bueno, 2020). No ano de 2019, segundo dados reunidos por Vieira et al. (2020), 35% dos homicídios de mulheres foram classificados como feminicídios, sendo que 88,8% destes episódios foram praticados por companheiros ou ex-companheiros.

Nas últimas décadas, têm sido registrados cada vez mais casos desse crime, considerados como o resultado da violência em cadeia sofrida pelas mulheres e,

em sua maioria, perpetradas por seus companheiros (Meneghel & Portella, 2017). Nos Estados Unidos, constatou-se que 35% dos feminicídios são perpetrados pelo parceiro íntimo (Meneghel & Portella, 2017). Ainda, segundo dados reunidos por Vieira et al., (2020), uma a cada três mulheres em idade reprodutiva já sofreu violência física ou sexual praticada pelo parceiro íntimo e mais de um terço dos feminicídios têm um parceiro íntimo como autor.

Nesse sentido, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a maioria dos casos de violência contra a mulher tem um parceiro íntimo como autor, sendo que 30% das mulheres no mundo já vivenciaram algum tipo de violência praticada por seus companheiros (Santos et al., 2020). Em estudo de Fiorotti et al. (2018) realizado com 302 mulheres puérperas capixabas, verificou-se que a cada dez mulheres entrevistadas, quatro sofreram agressões em algum momento de suas vidas, praticadas principalmente por seus companheiros ou ex-companheiros.

Em termos de taxas de prevalência, no âmbito brasileiro, Santos et al. (2020), constataram altas prevalências de violência doméstica contra a mulher perpetradas por seus parceiros íntimos, sendo a violência psicológica a que mais prevalece, seguida da violência física. As autoras também constataram que há relação entre o nível socioeconômico e a ocorrência de violências e que mulheres com maior acesso à educação são menos tolerantes às agressões (Santos et al., 2020), dados semelhantes aos achados de (Leite et al., 2017).

Um agravante deste cenário em 2020 foi a pandemia do COVID-19. Segundo dados fornecidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em julho daquele ano, foram verificadas consequências relacionadas ao isolamento domiciliar que obrigou mulheres a permanecerem em casa junto de seus agressores (Oliveira et al., 2020). Observou-se, principalmente, uma redução das denúncias de crimes relacionados à violência contra a mulher em diversos estados - o que não significa uma diminuição nos casos de violência, mas sim a presença de obstáculos para o acesso destas mulheres aos canais de denúncia e outras redes de proteção (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020). Desta forma, simultaneamente, há exacerbação dessa violência e redução do acesso a serviços de denúncia e suporte às vítimas (Vieira et al., 2020). Os dados levantados pelo Fórum de Segurança Pública (2020) corroboram para essa tese, já que houve redução de 27,2% nos registros de lesão corporal dolosa no período de março a maio de 2020, ou seja, no início do período de isolamento social no Brasil. Além disso, também houve queda de 50,5% nos registros de estupro comparados ao mesmo período do ano anterior (Fórum de Segurança Pública, 2020).

O homem nos estudos sobre violência doméstica contra a mulher

Para compreender como os homens são abordados na literatura científica sobre a violência doméstica, foi realizado um levantamento de estudos publicados na base de dados *Scielo*. Objetivou-se identificar evidências sobre as características de homens brasileiros

acusados de praticar violência doméstica contra a mulher. Na Tabela 1 são apresentados os termos utilizados no processo de seleção inicial dos estudos. Destaca-se que a inclusão de termos como “homens” ou “masculino” não retornou achados no levantamento e, por isso, se optou por buscas com termos ampliados, sendo particularizada a questão de interesse do estudo de forma manual.

Tabela 1

Termos utilizados na seleção inicial.

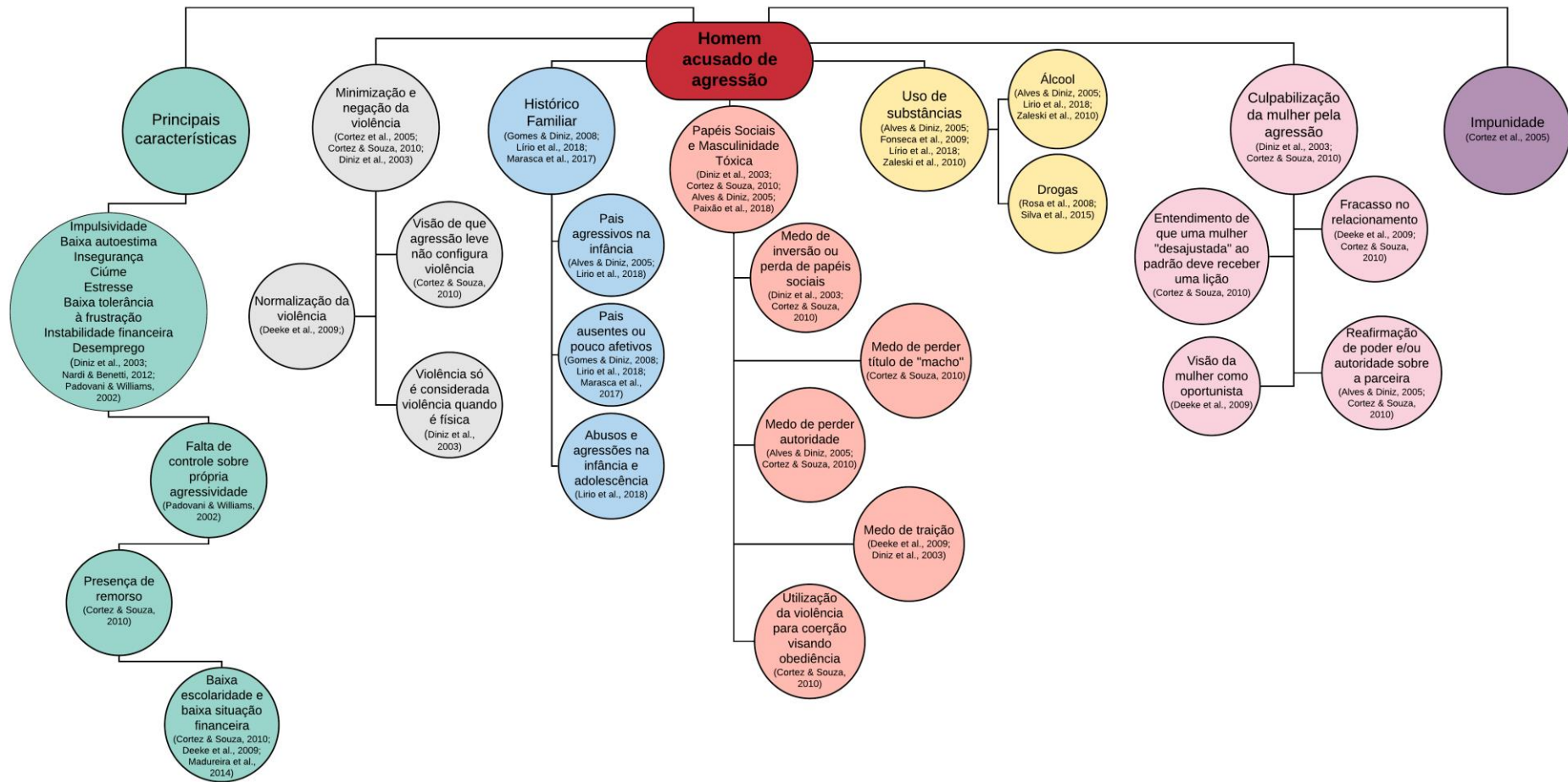
Termos buscados
Violência doméstica
Violência doméstica contra mulheres
Violência doméstica e familiar contra as mulheres
Violencia doméstica en el embarazo
Violência doméstica contra a mulher
Violência doméstica de gênero
Violência doméstica e familiar contra mulheres
Violência doméstica na gravidez
Violencia domestica contra las mujeres
Violência doméstica e familiar
Violência doméstica e gravidez

Nota. Elaborado pela autora (2020).

Inicialmente, os filtros aplicados foram artigos publicados nas últimas duas décadas (2000-2020); pertencentes à área de estudos da saúde, resultando em 363 achados. Títulos e resumos foram analisados e 26 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. O critério de seleção aplicado se referiu à inclusão da perspectiva ou das características dos homens acusados de agressão nos estudos. O *corpus* final do levantamento foi composto por 20 estudos. Identificou-se antecedentes ou fatores que explicariam em alguma medida a prática da violência. Esses fatores foram aglutinados em temas e organizados em um mapa mental que está apresentado na Figura 1.

Figura 1

Síntese dos estudos revisados.



Nota Elaborado pela autora (2020).

Foram identificados alguns fatores que aparecem com frequência na fala de homens acusados de agressão: o consumo de álcool, a culpabilização da mulher pela agressão, a minimização e/ou negação da violência, os papéis sociais, a masculinidade tóxica, a impunidade e o histórico familiar. Além disso, foi possível mapear sete aspectos, a saber: 1) principais características; 2) minimização e negação da violência; 3) histórico familiar; 4) papéis sociais e masculinidade tóxica; 5) uso de substâncias; 6) culpabilização da mulher pela agressão; e 7) impunidade. Esses aspectos serão explorados a seguir:

Principais Características

Alguns estudos traçam características do perfil do homem acusado de agressão, sendo que a baixa escolaridade e a baixa situação financeira são fatores que aparecem na maioria dos casos (Cortez & Souza, 2010; Deeke et al., 2009; Madureira et al., 2014). Impulsividade, baixa autoestima, insegurança, ciúme, estresse, baixa tolerância à frustração, instabilidade financeira e desemprego também são apresentados como justificativa para a prática da violência na fala desses homens (Diniz et al., 2003; Nardi & Benetti, 2012; Padovani & Williams, 2002).

Minimização e negação da violência

A definição de violência para o senso comum não inclui violências que não deixam marcas aparentes, como a violência psicológica (Cortez et al., 2005; Cortez & Souza, 2010; Diniz et al., 2003;). Além disso, estudos mostram que o homem acusado de agressão tende a minimizar a agressão ou não a identificar em suas ações (Cortez et al., 2005; Cortez & Souza, 2010; Diniz et al., 2003).

Histórico Familiar

Muitos homens acusados de agressão têm histórico de violência sofrida na infância e adolescência, praticada, principalmente, pelo genitor do sexo masculino (Lírio et al., 2018). É

comum narrarem a ausência de afetividade ou da própria figura paterna (Gomes & Diniz, 2008; Lírio et al., 2018; Marasca et al., 2017).

Papéis sociais e masculinidade tóxica

O medo de perder seu papel social de homem para a parceira, se ela fizer atividades consideradas masculinas (como trabalhar fora de casa) e vice-versa (ex., homem cuidar da casa e dos filhos), está muito presente nas narrativas dos homens estudados (Cortez & Souza, 2010; Rosa et al., 2008). Ser traído, não ser o principal provedor da casa ou ser obrigado a fazer tarefas domésticas é visto como perda da identidade masculina para esses homens (Diniz et al., 2003; Cortez & Souza, 2010). Dessa maneira, utilizam-se da violência como forma de coagir suas parceiras a agirem de modo a manter essa dinâmica social (Cortez & Souza, 2010; Diniz et al., 2003; Paixão et al., 2018).

Uso de substâncias

Muitos estudos relacionam a prática da violência com o uso de substâncias. Os acusados narram o prévio uso de álcool e drogas como justificativa para posteriores atos violentos, relacionados com a perda de controle, que seria ocasionada por tais substâncias (Alves & Diniz, 2005; Fonseca et al., 2009; Lírio et al., 2018; Zaleski et al., 2010).

Culpabilização da mulher pela agressão

É comum o pensamento de que suas companheiras os provocam e os denunciam para receber algum benefício material, ou que são culpadas pela agressão por suas ações desajustadas ao papel social definido para seu gênero (Alves & Diniz, 2005; Cortez & Souza, 2010; Deeke et al., 2009). A violência é utilizada como forma de coerção e submissão da parceira no relacionamento, uma forma de punição, que seria socialmente aceitável, para ajustar o comportamento da mulher (Cortez & Souza, 2010).

Impunidade

A impunidade é narrada por Cortez (2005) como um dos fatores que pode fazer com que o homem agressor aja sem medo das consequências para si, já que é muito comum que mulheres retirem queixas após ameaças de seus parceiros, além do decurso lento e burocrático dos casos quando há continuidade no processo.

Além dos fatores levantados na base de dados consultada, observou-se também uma escassez de estudos publicados sobre a perspectiva dos homens no que se refere à violência doméstica contra a mulher. Tal cenário justifica a execução dessa pesquisa na medida em que se poderá oferecer um produto científico que auxilie na diminuição da lacuna identificada. Além disso, nota-se que é importante considerar os homens em iniciativas de prevenção posto que eles são mais identificados como agentes desse tipo de violência. Há a necessidade de uma abordagem que ultrapasse a perspectiva das vítimas.

Objetivos

Objetivo Geral

Compreender narrativas masculinas sobre o fenômeno da violência doméstica contra a mulher.

Objetivos Específicos

Identificar as opiniões de homens acerca da violência doméstica contra a mulher;

Analisar a violência doméstica contra a mulher a partir da perspectiva de homens;

Refletir sobre ideais de masculinidade tóxica e machismo presentes nas narrativas de homens.

Método

Tipo de estudo

Existe uma diversidade de técnicas de investigação dos fenômenos em Psicologia, por isso, faz-se importante a utilização de um método adequado em cada contexto. Desta forma, o presente projeto se caracteriza como estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Além disso, utilizou-se como referencial analítico os estudos sobre violência doméstica contra a mulher.

O estudo qualitativo permite compreender o mundo a partir da visão do participante (Batista et al., 2017). Trata-se de uma metodologia em que o pesquisador se utiliza de aspectos subjetivos do indivíduo como objeto de estudo, coletando dados a partir de entrevistas e observações (Shaughnessy et al., 2012), ou seja, geralmente utiliza dados que não podem ser medidos matematicamente (Zanatta & Costa, 2012). É comum, por exemplo, que o pesquisador peça que os participantes refiram suas vivências e seus significados, utilizando as narrativas como dados de análise (Shaughnessy et al., 2012). Primordialmente na pesquisa qualitativa há a necessidade de uma preocupação ética e metodológica para garantir a validade do estudo, bem como sua consistência e sustentação (Goulart, 2018; Zanatta & Costa, 2012).

Em um primeiro momento, este estudo se tratava de uma pesquisa de campo, em que se planejava a realização de entrevistas presencialmente, já que a coleta de dados qualitativos era mais comumente realizada de forma presencial (Schmidt et al., 2020). Entretanto, a pandemia do COVID-19, seguida do fechamento de locais públicos e da necessidade de isolamento social, impossibilitou que essa ideia inicial fosse concretizada. Assim, as entrevistas ocorreram de forma remota, utilizando plataformas de videoconferência. Segundo Schmidt et al. (2020), a utilização de entrevistas *online* foi a alternativa possível para que os pesquisadores não interrompessem suas pesquisas. Esses autores também referem que as entrevistas *online*, utilizando videoconferência, possibilitam a conexão entre participante e entrevistador de forma

semelhante às presenciais (Schmidt et al., 2020).

Participantes

Foram convidados para participar voluntariamente da investigação sujeitos do sexo masculino. Adotou-se como critérios de inclusão: autodeclaração de pertencimento ao sexo masculino; idade maior ou igual a 18 anos; e acesso a smartphone ou computador com internet. Os critérios de exclusão aplicados, por sua vez, foram: pertencer ao sexo feminino e ser menor de 18 anos de idade.

Assim sendo, participaram do estudo 13 homens com idades entre 20 e 46 anos, com profissões diversas, sendo oito estudantes de ensino superior, dois psicólogos, um fotógrafo, um funcionário público e um publicitário. Para preservar a identidade e singularidade dos participantes, eles não serão caracterizados individualmente. Na apresentação dos dados, os nomes foram codificados pela letra “S” seguida de números de 1 a 13 e as respectivas idades (por exemplo: S1, 25 anos; S2, 27 anos; e assim sucessivamente).

O número de participantes foi definido por conveniência e, considerando o desenvolvimento da pesquisa durante a pandemia da COVID-19, um questionário sobre o tema do estudo foi divulgado em redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens para recrutamento. No final do questionário, havia espaço para inclusão de dados de contato e os respondentes que se voluntariaram foram contatados para participarem do estudo.

Procedimentos

Após definida a temática da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre este fenômeno e que foi descrito na introdução dessa dissertação. O critério para seleção de estudos no levantamento foram pesquisas que apresentavam como temática a violência doméstica contra a mulher e aspectos do homem acusado de agressão. Em continuidade,

utilizando como base as pesquisas identificadas, foi construído um questionário, que foi disponibilizado em plataforma *online* e divulgado nas redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens para recrutamento dos participantes. Os homens, que manifestaram desejo e disponibilizaram seus contatos de e-mail, foram convidados para participarem de entrevistas semiestruturadas, que também aconteceram em plataforma digital, de forma remota, individualmente, e foram gravadas em computador próprio da pesquisadora. Após a coleta de dados, ocorreu a transcrição integral das entrevistas e se desenvolveu o processo de análise. As entrevistas duraram entre 31 e 87 minutos, com tempo médio de 41 minutos, e totalizaram 257 páginas de transcrição.

Técnica de coleta de dados

Esse estudo utilizou a técnica de entrevista semiestruturada para coletar os dados. Esse tipo de entrevista também é conhecido como semidiretiva ou semiaberta, que consiste em um método em que o autor combina perguntas abertas e fechadas em um roteiro previamente delineado, porém conduz a entrevista de forma livre, utilizando o roteiro apenas como apoio na sequência de coleta de informações (Batista et al., 2017; Minayo, 2010). As entrevistas seguiram um roteiro preparado a partir do levantamento da literatura desenvolvida (Apêndice A). São exemplos de questões constantes no roteiro: “Para você, o que é violência doméstica contra a mulher?” e “O que você acha que justifica uma agressão em um relacionamento íntimo?”.

Análise dos dados

No processo analítico dos dados foi utilizada a análise temática de Clarke & Braun (2019). A Análise Temática (AT) consiste no emprego de passos que proporcionam a organização qualitativa de temas de forma detalhada (Souza, 2019). A AT não emerge dos

dados, ela é construída junto da experiência do pesquisador e no encontro dos dados e teorias (Clarke, Braun & Hayfield, 2019). Esse tipo de análise tem início quando o pesquisador procura padrões nos dados e os relaciona com questões que contribuem para o desenvolvimento do ponto de interesse da pesquisa (Souza, 2019).

A AT é constituída por seis etapas: 1. Familiarização; 2. Codificação; 3. Procura por temas; 4. Revisar temas; 5. Definir e nomear temas; e 6. Escrita final do relatório (Clarke, Braun & Hayfield, 2019). O primeiro passo, familiarização, consiste no processo de leitura e releitura exaustiva dos materiais, contribuindo para uma análise aprofundada e organizada dos dados, permitindo um foco além do superficial; e é seguido da codificação, que se trata da identificação de padrões de dados, unindo similaridades e rotulando de acordo com a questão da pesquisa (Braun & Clarke, 2006). O terceiro passo é constituído pela procura por temas, em que há o agrupamento de códigos criados na etapa anterior, de acordo com padrões entre eles, para criação de temas mais abrangentes; seguido pela revisão de temas, avaliando se os possíveis temas levantados fazem sentido para a pesquisa e no conjunto geral, podendo haver descarte de todos possíveis temas e reinicialização da fase anterior, ou pouca/nenhuma mudança (Braun & Clarke, 2006). Após esta etapa, há a definição e nomeação de temas, constituída por um breve resumo de cada tema, escolhendo um nome que defina com clareza o conteúdo de cada tema e, por fim, a escrita final, em que há a estruturação de mapa contendo os temas, as narrativas e as experiências, traçando assim a conclusão da análise (Braun & Clarke, 2006).

No estudo em tela, após o processo de leitura e releitura exaustiva da transcrição das entrevistas, as narrativas dos participantes foram agrupadas de acordo com similaridade nas temáticas dos discursos e rotuladas conforme o assunto abordado. O processo de codificação resultou em 26 códigos. Salienta-se que mesmo na definição dos códigos já há um nível de interpretação ou reflexão do pesquisador, conforme ponderam as autoras Braun e Clarke (2006). Em seguida, os códigos foram agrupados segundo suas semelhanças, derivando três temas mais

abrangentes, os quais, por sua vez, foram devidamente nomeados para ilustrar, com clareza, seus conteúdos.

Além disto, utilizou-se o Iramuteq (*Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires*) (versão 0,7, alpha 2) que é um *software* francês gratuito e permite o desenvolvimento de análises textuais ou qualitativas. O *software* executa análise lexical do *corpus* textual e o divide em classes hierárquicas, identificadas pelos textos que compartilham do mesmo vocabulário, fornecendo ferramentas de análise interessantes ao pesquisador (Salviati, 2017).

Nesse estudo, especificamente, foram utilizadas a análise pela Nuvem de Palavras e a Análise de Similitude. A análise utilizando a Nuvem de Palavras reúne palavras agrupadas e estruturadas em formato de uma nuvem, dispostas em tamanhos diferentes de acordo com a frequência em que aparecem, o que possibilita observar as palavras-chaves do conteúdo do *corpus* textual utilizado (Kami et al., 2016; Salviati, 2017). Já a Análise de Similitude apresenta um *grafo* (relação entre itens de um determinado grupo; linguagem do *Iramuteq*) representando como as palavras do *corpus* estão interligadas, o que permite ao pesquisador identificar a estrutura deste *corpus*, observando como o texto é construído e os principais temas emergentes (Salviati, 2017).

Aspectos éticos

Foram observadas todas as recomendações da Resolução 510/2016 (Brasil, 2016) do Conselho Nacional de Saúde, que dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CEP/PUC-Campinas), com Parecer N° 4.578.553.

Os participantes foram voluntários e receberam todas as informações relacionadas à pesquisa e manifestaram consentimento livre e esclarecido na página inicial do formulário online aplicado. A pesquisadora armazenou a gravação das entrevistas em *pendrive* exclusivo para essa finalidade e que ficará sob sua responsabilidade. Esse material não será disponibilizado ou publicizado em nenhuma circunstância. Todas as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) nº 13.709/2018, que regulamenta o tratamento de dados pessoais e sensíveis de participantes de pesquisa, foram e serão regamente seguidas.

Resultados e Discussão

Aspectos gerais

Foi utilizado o *software* Iramuteq para apresentação e discussão dos aspectos gerais obtidos nas entrevistas. Na Nuvem de Palavras (Figura 2), que agrupa palavras de acordo com a frequência que aparecem no *corpus*, as principais palavras que surgiram foram “mulher”, “homem”, “violência”, “relação”, “gente” e “relacionamento”. Esses dados são coerentes com a proposta do estudo que propôs entrevistas referentes à violência doméstica contra a mulher. As palavras “bater”, “agredir”, “violento”, “raiva” e “agressão” também apareceram em diversas narrativas. As palavras “pai” e “sociedade” foram comuns, o que pode significar que estes homens relacionam a violência doméstica contra a mulher com contextos sociais, como a família e a sociedade – aspecto que foi ressaltado na análise temática desenvolvida e apresentada a seguir.

Verbos utilizados com frequência foram “falar”, “querer”, “ficar”, “ver”, “entender”, “acreditar”, “sentir”, e “acontecer”, já que as entrevistas se referiram às opiniões destes homens acerca da violência doméstica contra a mulher, tanto como observadores, quanto como parte do fenômeno. Todos estes resultados serão analisados com maior profundidade nos tópicos a seguir, na análise de similitude (Figura 3) e na análise temática desenvolvida.

Na análise de similitude obtida pelo Iramuteq (Figura 3), que mostra como o texto é construído e os principais temas emergentes, o núcleo central é representado pela palavra “mulher”, com ramos representados pelas palavras “homem”, “porque”, “falar”, “violência”, “ver”, “relação” e “entender”. Como o tema das entrevistas se trata da violência doméstica contra a mulher, é natural que a palavra “mulher” seja central nas narrativas destes homens, referindo-se às vítimas deste tipo de violência. Contudo, é interessante observar a aparição da palavra “homem”, pois, ao incluir homens na discussão, muitos conceitos, opiniões, sentimentos e experiências masculinas surgiram. Neste núcleo também estão agrupadas algumas palavras interessantes, como “comportamento”, que pode se referir às falas de como a mulher se comporta, muitas vezes, visto como problemático e influenciador para que haja ocorrência de agressão (Einhardt & Sampaio, 2020); “medo” e “sofrer”, em referência às consequências desse tipo de violência para a vítima, que geralmente é impactada de forma negativa (Einhardt & Sampaio, 2020); “ego”, “descontar”, “extrapolar”, “inferior”, “ex”, “ambiente” e “infância”, que se referem aos agressores e os motivos para a agressão, principalmente pelo sentimento de superioridade de homens sobre mulheres (Silva & Laport, 2019); e “fisicamente”, “xingar” e “agressão”, em referência ao ato da violência física propriamente dito.

Na ramificação “homem”, outras palavras interessantes que surgem são “forte” e “insegurança”, podendo se referir às características de homens, que são reféns da dualidade de que devem ser fortes e viris pelos papéis sociais que lhe são impostos (Santos, 2015); e “sistema”, “sociedade” e “mundo”, referindo-se aos impactos do ambiente nestes homens e na violência em questão, ambiente este que é influenciado e influenciador, segundo achados de Lírio et al. (2018). Já na ramificação “porque”, surgem palavras como “punir”, “punição”, “lei”, “medida”, “protetiva”, “justiça” e “direito”, que podem se relacionar com os pensamentos destes indivíduos em relação à punição e impunidade de homens que, segundo pesquisas de

Data Popular e Instituto Patrícia Galvão em 2013, ainda é vista pela população como realidade nos casos de violência doméstica contra a mulher e feminicídios. As palavras “raiva”, “expressar”, “sentimento” e “emocional” relacionam-se às emoções evocadas em suas narrativas sobre a violência doméstica contra a mulher, assim como, novamente, os papéis sociais do homem e sua dificuldade em acessar seus sentimentos (Santos, 2015); “Gritar” e “controlar” estão relacionadas às ações de alguns agressores em relacionamentos, considerada violência psicológica (Barbosa, 2019); e “emprego” e “financeiro” que podem se referir tanto à questão dos motivos para a agressão, quanto aos motivos pelos quais a vítima não consegue sair da relação abusiva (Einhardt & Sampaio, 2020), ambos elementos presentes nas narrativas.

No agrupamento “falar”, as palavras “começar”, “ouvir”, “aprender”, “espaço” e “refletir” referem-se à tomada de consciência e discussões sobre o assunto da violência, que estes homens acreditam ser eficaz como estratégia para começar a mudar tal fenômeno, ideia reforçada pela compreensão histórico-cultural de que o indivíduo é potencialmente capaz de transformar o meio que vive; e “relacionamento”, “saudável” e “terminar”, relacionadas à necessidade de intervir em relacionamentos tóxicos, pois não são saudáveis aos indivíduos e podem ter severas consequências (Barretto, 2018; D’Agostini et al., 2021).

Na ramificação “relação”, as palavras “respeito”, “conversar”, “terapia”, “dificuldade”, “falta” e “incomodar” relacionam-se aos discursos que referem o funcionamento dos relacionamentos e como alguns fatores, como o diálogo, são importantes para evitar violências, principalmente pela dificuldade dos homens em se comunicar (Mesquita & Corrêa, 2021). Já na ramificação “entender”, as palavras “irmão”, “mãe”, “pai”, “criança”, “cultural”, “cultura”, “casa”, “acesso”, “criação” e “informação” relacionam-se à temática do papel da família no desenvolvimento dos indivíduos que podem vir a se tornarem agressores, já que a família pode haver uma influência direta no desenvolvimento de comportamentos violentos (Carvalho-Barreto et al., 2009), assim como o papel no acesso à informação dentro de casa, abordando

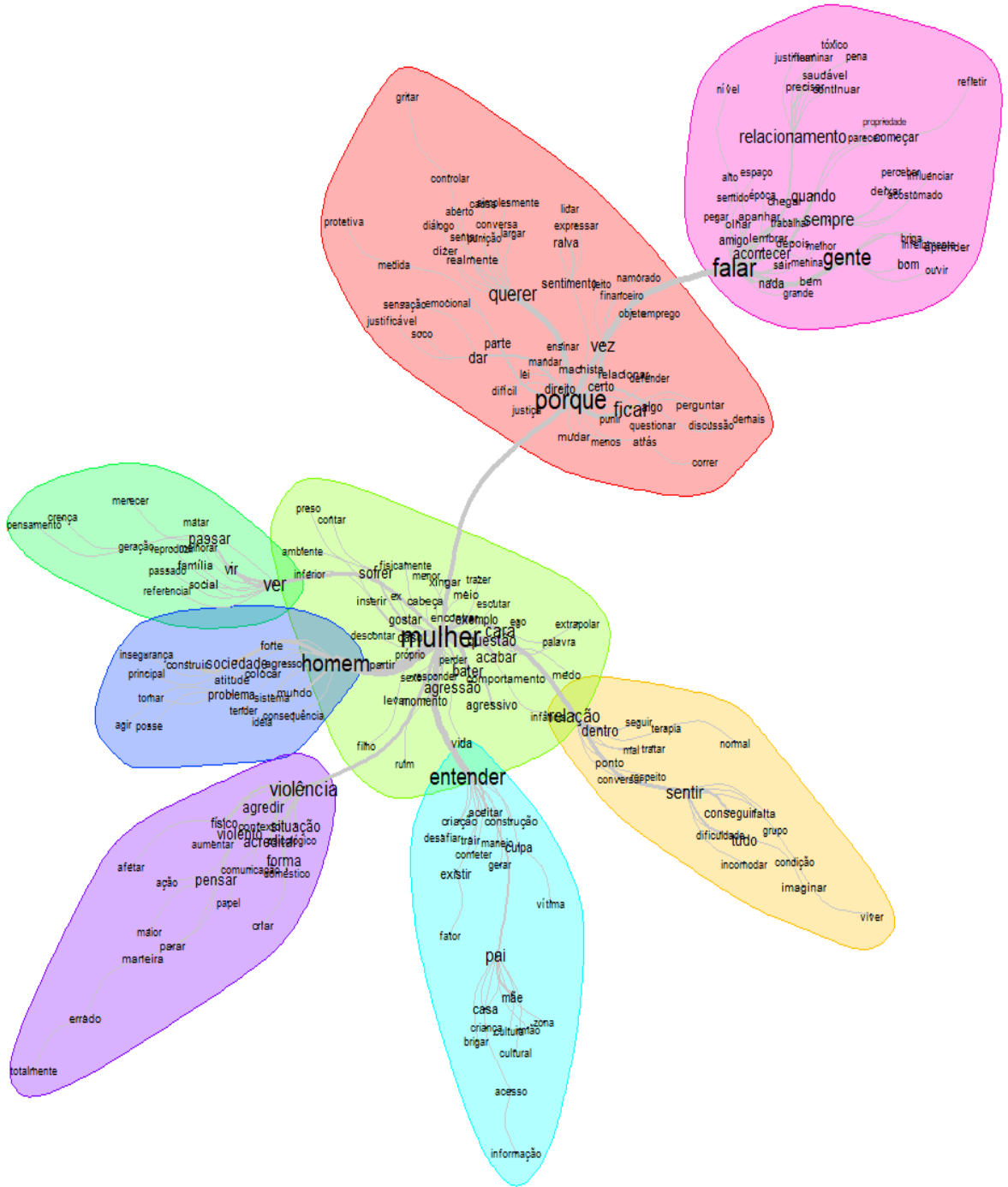
assuntos como a violência.

No agrupamento intitulado “violência”, a maioria das palavras se refere aos tipos de violência e suas características, como “doméstico”, “físico”, “psicológico”, “afetar”, “agredir” e “violento”, já que o assunto se trata da violência doméstica contra a mulher, e, quando se fala deste tipo de violência, as agressões físicas são as principais evocações dos indivíduos, assim como a relação com a utilização de socos, tapas, empurrões e chutes (Coelho et al., 2014), ainda que, neste caso, a violência psicológica tenha sido amplamente citada.

As opiniões acerca das violências aparecem também nas principais palavras utilizadas, como em “errado”, “criar”, “maneira”, “forma”, “ação” e “parar”. Por fim, na ramificação “ver”, as palavras “geração”, “crença”, “família”, “pensamento”, “referencial”, “passado”, “reproduzir” e “social” estão relacionadas ao meio em que o indivíduo se desenvolve e como ele interfere em suas ações. O meio influencia na formação dos pensamentos e comportamentos do indivíduo, assim como é influenciado por ele (Galbiatti & Camargo, 2021). Neste sentido, tais comportamentos reproduzidos são, muitas vezes, advindos de suas experiências com pais e amigos (Lírio et al. 2018), por exemplo, já que a pessoa desenvolve seus conceitos e ações por meio de suas relações sociais (Galbiatti & Camargo, 2021).

Figura 3

Análise de similitude realizada pelo software Iramuteq.



Nota. Elaborado pela autora utilizando o software Iramuteq (2021).

Após esse detalhamento de aspectos gerais verificados nas entrevistas, é possível apresentar o processo analítico dos dados segundo os pressupostos da Análise Temática (Braun & Clarke, 2019). Após leitura exaustiva e análise das narrativas dos homens participantes, foram identificados 26 códigos iniciais que resultaram em 3 temas. Na Tabela 2 estão apresentados os temas construídos e os códigos que os compõem e, em seguida, os temas são explorados, bem como analisados.

Tabela 2

Temas e códigos construídos no processo de análise temática.

Tema	Código inicial incluído no tema
Leituras masculinas sobre a violência doméstica	Violência física
	Violência psicológica
	Fatores de risco
	Punição e impunidade
	Impactos individuais da violência
	Impactos da violência em outros contextos
	Banalização/naturalização da violência
	O ciclo da violência
	Reprodução da violência
	Sentimentos sobre a violência
	O diálogo como solução
	Falta de diálogo como problema
	Relacionamento tóxico
	Violência e pandemia do COVID-19
Reflexões sobre ser homem e masculinidades	Visão do agressor como doente
	Masculinidade tóxica
	Machismo
	Processos proximais
	Papel da sociedade
	Consciência sobre próprias violências
	Apatia/indiferença ao presenciar violências
	Tomada de consciência: a busca pela mudança
A falsa simetria: homens também sofrem violências	
Os extremos da agredida: vítima ou culpada?	Culpada ou vítima?
	Objetificação da mulher
	Feminicídio

Nota. Elaborado pela autora (2021).

Tema 1: Leituras masculinas sobre a violência doméstica

Alô, aqui quem fala é Geni

Eu tô ligando de um orelhão

Eu tenho uma denúncia e

Eu sou baiana

Mas acontece que ele não é

Ontem ele me beijou

E me deixou marcas

Mas não eram de batom⁶

O primeiro tema, “Leituras masculinas sobre a violência doméstica”, foi composto por 14 códigos: 1. Violência física; 2. Violência psicológica; 3. Fatores de risco; 4. Punição e impunidade; 5. Impactos individuais da violência; 6. Impactos da violência em outros contextos; 7. Banalização/naturalização da violência; 8. O ciclo da violência; 9. Reprodução da violência; 10. Sentimentos sobre a violência; 11. O diálogo como solução; 12. Falta de diálogo como problema; 13. Relacionamento tóxico; e 14. Violência e pandemia do COVID-19.

Vale considerar que, mesmo sendo humilhante para as mulheres a violência física sofrida, ela pode ser identificada mais facilmente (homem dando tapa na mulher e pegando no braço com mais força, por exemplo). Assim, a questão das agressões físicas foi uma das primeiras a ser mencionada:

Eu acho que a primeira coisa assim, sem dúvida, quando alguém fala essa frase, a imagem que vem à cabeça é um homem batendo numa mulher, fisicamente (S1, 25 anos).

⁶ Trecho da música “Disque Denúncia”, de Nina Oliveira. Composição de Nina Oliveira. Comitê Inc. / Universal Music Ltda. (2019).

Quando a gente ouve falar muito de violência doméstica, a gente pensa muito na violência física, né, as pessoas associam muito a violência somente física, que é aquele puxão, soco, enfim, empurrão, faca etc. (S2, 27 anos).

Segundo Coelho et al. (2014), a violência física se desdobra das relações de poder de uma pessoa sobre outra, em que o indivíduo de maior poder demonstra seu domínio se utilizando de força física (como tapas, socos, empurrões) com a intenção de machucar, podendo causar danos físicos aparentes. Assim, a violência física é mais visual e midiática, já que é mais perceptível por deixar marcas nos corpos das mulheres, sendo possível ser provada por fotos e exames físicos.

S2 também trouxe o conceito de que toda violência física tem início com outros tipos de violência (*Toda violência física começa em outros tipos de violência. S2, 27 anos*), o que vai de encontro com achados de Coelho et al. (2014), que descreve a violência física como “a ponta do ‘iceberg’”, já que é provável que as vítimas tenham sofrido outros tipos de violência anteriormente, que se desenvolveram para uma agressão física.

Em contrapartida, outros tipos de violência ainda são questionados, como a psicológica, a chamada violência silenciosa⁷. Esse tipo de violência surgiu em vários momentos nas narrativas dos participantes, sendo referida como uma violência invisível, por ser difícil de identificar, apesar de, muitas vezes, estar mais presente que a violência física.

Violência psicológica, tipo, tem uma coisa de controle (...) controlar a vida da mulher, fazer ameaças, machucar, gritar, xingar, falar mal, depreciar, ameaçar (S3, 24 anos).

Eu acredito que a violência psicológica afeta muito mais que a violência física, porque é uma violência que ninguém vê (...) A violência psicológica, ela está lá muito mais que

⁷ Salienta-se que em julho de 2021, a violência psicológica contra a mulher foi tipificada no Código Penal brasileiro (Lei nº 14.188 de 29 de julho de 2021), com pena de reclusão de seis meses a dois anos e multa.

a física, se fala muito menos, e afeta muito mais, porque ela vem silenciosa né, e a pessoa às vezes sofre e não sabe que está sofrendo (S4, 29 anos).

Hoje, eu sei que violência parte até da questão da violência emocional, até a parte da questão de palavras (...) Eu acho que a questão, também, de palavras, a questão de você ofender, minimizar existência dela, desvalorizar... antes, eu pensava que era 'mimimi', sinceramente (S10, 41 anos).

Segundo Barbosa (2019), uma relação que está inclinada a se tornar violenta tem início no abuso psicológico. Tais abusos envolvem xingamentos, ameaças e manipulações. Trata-se de uma violência silenciosa, pois, em muitos casos, a vítima não percebe que está sofrendo violências (Alencar & Aquino, 2017), assim como o agressor pode não conseguir identificar que a está praticando (Pimentel, 2011). Nos discursos dos sujeitos, por sua vez, a invisibilidade deste tipo de violência se mostrou diferente, já que recebeu muita visibilidade nas entrevistas, o que pode indicar uma tendência à mudança neste cenário, uma vez que, quanto mais se fala sobre este assunto, menos invisível ele se torna.

A violência psicológica não foi reconhecida como grave ou agressão, como no exemplo de S10 a seguir, que afirmou nunca ter agredido sua parceira fisicamente, não percebendo a presença deste tipo de violência em suas ações, como ofensas e atitudes agressivas que a assustavam. Esse aspecto fortalece a citação de Pimentel (2011) sobre a agressão psicológica ser dificilmente identificada até mesmo por quem a pratica. Entretanto, alguns dos sujeitos a reconheceram e demonstraram uma vontade de mudar para que isto não aconteça novamente, como no caso de S3.

Eu tive uma experiência com a minha ex-mulher. Ela entrou com uma medida protetiva, por isso que eu quis passar por essa entrevista. Eu não me lembro se eu ofendi com

palavras ou se ela ficou com medo da minha atitude, ou se ela quis me afastar, mas eu nunca agredi ela fisicamente (...) até hoje eu me pergunto o que fez ela entrar com essa medida. Eu acho que foi ela querer se afastar porque eu traí ela (S10, 41 anos).

Um dos motivos de eu querer participar disso, além do que você mesma falou, de ser um voltado para o homem, e não para a vítima, achei isso legal, mas também para parar um pouco para pensar sobre as minhas ações (...) no meu último relacionamento, que foi mais tóxico em ambas as partes, tipo, eu acho que eu fui um pouco controlador em certas partes com ela (S3, 24 anos).

Na base dessa discussão sobre a ocorrência das violências no contexto doméstico aparece também a questão do relacionamento abusivo ou tóxico. Nesse sentido, os participantes apresentaram visões sobre o que acreditam caracterizar um relacionamento tóxico e situações presenciadas, tanto em suas próprias experiências, quanto em pessoas próximas. S12 narrou constantes brigas e falta de confiança, envolvendo abusos psicológicos de ambas as partes.

*Foi um relacionamento totalmente abusivo, no qual eu não confiava nela e ela não confiava em mim, então se ela fosse pra uma festa eu não dormia, se eu fosse para uma festa sozinho, ou fizesse qualquer coisa, ela também não dormia, então os dois brigavam muito, foi um relacionamento que não tinha confiança um no outro, e aí um xingando o outro (...) O ciúmes vinha aflorado, aí xingava de [*substantivo feminino; sinônimo de prostituta], xingava de todos esses xingamentos mais chulos aí, do qual não me orgulho hoje, mas de fato pratiquei sim, e também assim, como era um relacionamento, como eu te falei, era um relacionamento abusivo (S12, 21 anos).*

Há diversas formas de ocorrer abusos dentro de um relacionamento, desde imposição de concepções, até falta de consideração pelos sentimentos do outro. Segundo Barretto (2018),

um relacionamento abusivo se caracteriza pelo domínio de um indivíduo sobre o outro, muitas vezes envolvendo agressões físicas, sexuais e psicológicas, sendo difícil para a vítima perceber que está em uma relação tóxica. Esses dados revelam a importância de conversar com os homens sobre a temática, pois os participantes refletiram nas entrevistas sobre as próprias experiências, ampliaram, em alguma medida, a consciência sobre o próprio agir ou o agir de pessoas próximas. S4 trouxe um caso que corrobora com esse ponto, em que seu amigo e a namorada se encontravam em um relacionamento que fazia mal aos dois, mas eles não percebiam e, conseqüentemente, levaram tempo para tomar ações relacionadas a isto.

Eu tive um amigo que ele teve essas coisas com a namorada dele, era um relacionamento extremamente tóxico, só que eles não largavam de jeito nenhum. E os dois estavam infelizes, estava fazendo mal para os dois, estava puxado. E demoraram, um tempo (S4, 29 anos).

Assim, é importante que pessoas externas ao relacionamento fiquem atentas para realizar intervenções e fornecer ajuda (D'Agostini et al., 2021), como foi comentado por S9.

Continuar um relacionamento com esse tipo de agressão não deveria ser uma coisa normal, está errado, não é um relacionamento bom, ele é ruim, então precisa resolver, ou continuar, mas de uma maneira boa, e aí não sei se a conversa entre os dois é suficiente para resolver, ou então busca alguém externo para poder aconselhar, ajudar, direcionar (S9, 46 anos).

Sobre as motivações para as situações de violência, nos discursos de S3, S7 e S10 surgem falas sobre a traição como o principal fator de risco para uma agressão ocorrer.

Mulher pode trair, pode fazer um monte de coisa que pode desencadear um

comportamento agressivo nele, mas (...) não acho que tem mais nada que ela faça que é justificativa para alguma coisa que ele faça, assim nesses quesitos de machucar alguém, por exemplo (S3, 24 anos).

Vamos supor uma situação em que o cara traiu a mulher, ele está totalmente errado, e enfim, e aí a mulher vem bater nele, aí ele vai bater nela de volta, entendeu? Eu imagino que seja uma situação que ele poderia fazer isso, mas que é super errado (...) O cara acha que, 'poxa, se você me magoou, eu tenho direito a te quebrar na porrada' (S7, 22 anos).

É uma crença que eu desenvolvi na geração do meu pai, você entende? De que homem ser traído é humilhante (...) eu fui criado numa crença de que era humilhante para mim, como eu já me senti humilhado de coisa... eu tive uma namorada que me traiu e eu me sentia humilhado (S10, 41 anos).

A traição é vista por homens como uma diminuição da masculinidade e humilhação, já que indicaria que suas respectivas parceiras não estão sendo satisfeitas sexualmente (Cortez & Souza, 2010), conseqüentemente, é entendida como um fator que justifica a violência, pois, a partir da agressão, o homem reafirma sua masculinidade. Isto vai de encontro com os achados de Franco et al. (2018), que afirmam que a traição, além de justificativa, também pode ser motivadora para a ocorrência de uma violência.

A questão da criação violenta e cultura machista também foi citada pelos sujeitos como um fator de risco para a ocorrência da violência. Este tópico será discutido com mais profundidade junto às reflexões sobre ser homem e masculinidades. Contudo, é possível assinalar que, quando aparecem palavras como “crenças”, percebe-se que a questão da violência doméstica não possui relação com conhecimento – alta escolaridade, por exemplo, como no

caso dos participantes, mas com algo que é construído no âmbito histórico e social.

Outro fator de risco levantado pelos participantes é a questão da cultura patriarcal e machista que exalta a mulher como cuidadora do lar e dos filhos, doce, recatada e submissa (Silva et al., 2020). Quando a mulher quebra este papel imposto, muitos homens entendem que devem puni-la, reafirmando então o próprio papel masculino de força e virilidade, o chefe da casa, provedor e, claro, superior. Assim, a violência é utilizada para ratificar a superioridade de homens sobre mulheres. Esta temática também será aprofundada posteriormente.

Uma insegurança interna, um momento ruim, talvez um trauma, por exemplo, da pessoa ser mais propícia a violência, também o contexto que a pessoa está inserida, que acredita que a mulher é inferior, porque ele tem o direito de punir ela por não seguir um padrão que ele gosta, ou um papel em relação a ele, que ele acredita que ela tem (S11, 21 anos).

Além disso, também foi apontada a questão biológica e histórico-social como um fator de risco, sendo uma “permissão para agredir”, pois o homem é protegido por um sistema que sempre o favorece, já que este foi criado e é mantido por homens (Silva, 2011). Neste sentido, os sujeitos também não enfrentam punições por suas ações, criando uma ideia de que podem agir da forma que quiserem sem sofrer consequências no futuro.

[Ser violento] é da biologia do ser humano, que é um animal como qualquer outro (...) eu acho que o ser humano ainda está regulando de entender a diferença ali do poder social e do poder biológico (...) Em todas as grandes civilizações, as sociedades foram construídas a partir de um de um sistema que prevalece e protege o homem de fazer qualquer coisa, porque ele é o homem que construiu o mundo para ele mesmo, então ele pode fazer o que ele quiser porque nada vai ter consequência (S5, 20 anos).

A questão da impunidade apareceu diversas vezes nas narrativas destes homens, que discorreram sobre como a Justiça brasileira é falha no sentido de proteger mulheres vítimas e punir homens agressores, mesmo após a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340 de 2006).

Eu sinto raiva de impunidade, né, porque a gente sabe que infelizmente aqui no Brasil a gente tem leis muito boas, mas que não são aplicadas e que tem uma dificuldade de serem aplicadas (...) a Lei Maria da Penha, por exemplo, é uma das melhores do mundo, né, a gente ouve falar que é uma das melhores do mundo, mas sua aplicabilidade, ela não é tão boa assim (...) fica esse sentimento de raiva e de impunidade, de saber que houve uma situação de violência, ou a pessoa que foi a agressora provavelmente não vai sofrer nenhuma consequência muito séria, e a vítima vai continuar sendo agredida e violentada, e vai sofrer muito mais do que a pessoa que causou essa violência pra ela (S2, 27 anos).

Tem muitos casos de mulher que está sofrendo na mão de muitos homens dentro de muitas relações, com medo de fazer um boletim de ocorrência, correr atrás dos direitos delas, até porque a justiça acaba, às vezes, sendo falha, demora um pouco para tomar alguma atitude (S6, 21 anos).

Isso vai ao encontro com dados de pesquisa realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão em 2013, com 1.501 participantes, cuja maioria respondeu acreditar que os crimes contra mulheres nunca ou quase nunca são punidos. Metade dos participantes considerou que a punição da justiça não reduz a quantidade de violência contra a mulher e, de forma semelhante, 85% acreditavam que a justiça não pune adequadamente os homens que assassinam suas companheiras. Neste sentido, para Marques et al. (2019), o problema vai além da impunidade: o sistema punitivista é ineficaz e insuficiente para preencher necessidades sociais

e uma alternativa seria reestruturar todo o sistema de justiça criminal, buscando uma justiça restaurativa que ofereça recursos tanto a autores quanto às vítimas de violência.

Por fim, o álcool, apontado na literatura especializada como um dos principais fatores de risco para a violência doméstica, apareceu apenas nas narrativas de dois homens, S9 e S10. O consumo de álcool e drogas é reconhecido como um dos fatores psicossociais que se relaciona com violências, especialmente, a violência doméstica (Martins & Nascimento, 2017), uma vez que favorece um comportamento mais violento de homens sobre mulheres (Lírio et al., 2018). Nesse sentido, S9 apontou que *“tem coisas que extrapolam a consciência, que é a questão de uso de drogas, álcool, que pode piorar um pouco esse cenário aí”*, assim como um exemplo próprio: *“tinha a questão do alcoolismo, então o pai chegava em casa já alterado, e aí sempre tinha discussões, nunca violência física, mas muitas brigas, assim, de palavras”*. S10 também narrou uma experiência de sua infância: *“eu tenho flashes do meu pai alcoolizado tentando bater na minha mãe, mas eu nunca presenciei nada além disso”*.

Sobre o testemunho de situações de violência, alguns homens narraram como assistir às brigas de seus pais quando crianças ou adolescentes influenciou em seus posteriores relacionamentos, como S7, que relatou problemas em se relacionar romanticamente por ficar incomodado com as constantes brigas de seus pais:

Eu sempre tive muito problema de me relacionar, nunca quis muito correr atrás, porque eu acho que meus pais sempre brigaram muito em casa e isso me incomodava (S7, 22 anos).

Denota-se a importância de pensar sobre como assistir episódios de violências dentro da família pode ser prejudicial. De acordo com as descobertas de Lírio et al. (2018), um ambiente familiar com presença de violências é danoso ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, que, muitas vezes, ficam marcadas por traumas relacionados à presença de eventos dessa

natureza. Outro relato de um dos participantes desse estudo também expôs um sentimento de inferioridade após assistir vários episódios de seu pai agredindo sua mãe, também referindo que sentia medo e, por isso, se tornou uma criança quieta.

Eu não lembro porque eu era muito... minha mãe fala que eu estava no berço ainda, mas eu... pelo relato da minha mãe, ela fala que eu era muito quieto quando criança, muito quieto. Eu acho que talvez me deu medo, me gerou algo... eu não sei... eu não sei dar nome, eu não sei nomear essa emoção, entendeu? Porque eu era muito bebê, eu acho. Eu só tenho um flash do meu pai correndo atrás dela, dela pulando a janela, mas eu não lembro do sentimento. Talvez pode ter... Talvez possa ter me gerado inferioridade, alguma coisa assim. Eu não sei te falar, porque depois eu trabalhei a inferioridade que eu sentia perante as pessoas, eu me sentia muito inferior, sabe? Eu me sentia muito inferior, eu achava que as pessoas eram melhores do que eu, que eu não tinha capacidade. Eu sempre tive que trabalhar muito em terapia isso. Eu não sei se isso talvez tenha relação, mas eu não consigo lembrar (S10, 41 anos).

Assim como as vítimas, testemunhas também estão sujeitas às consequências de casos de violências (D'Oliveira, 2019). A própria reprodução da violência pode ser uma das consequências, pois o homem cresce acreditando que a agressão é um recurso válido a ser utilizado em seus próprios relacionamentos. Por outro lado, análises de prontuários de homens adultos autores de violência sexual, por exemplo, revelaram que eles possuíam histórico de sofrer violência desde a infância (Amorim et al., 2021). Numa lógica da reprodução da violência, segundo achados de Lírio et al. (2018), os homens tendem a reproduzir atos de violência sofridos e/ou presenciados em sua infância, principalmente quando vinda de seus pais. A violência acaba sendo reproduzida uma vez que estes homens têm dificuldades para reconhecer outras formas de relacionamento, pois se desenvolveram vivenciando e observando

práticas violentas, incapazes de conseguir, sozinhos, comportar-se de forma diferente. S7 ilustra este cenário:

Quando você fala 'homem que bate na mulher' acho que a primeira coisa na minha cabeça é um cenário rural que não tiveram acesso à informação e que perpetua uma forma que eles estão acostumados a fazer desde sempre (S7, 22 anos).

Ainda em relação à reprodução da violência, S2 descreveu como adotou práticas violentas no início de seu descobrimento sexual, pois seguia exemplos de seus amigos e colegas, mesmo se questionando se aquilo era algo certo a ser feito. Isto pode ser explicado segundo a perspectiva de que os processos pessoais dos indivíduos são mediados por suas relações sociais, desenvolvidas dentro da história e da cultura (Brito et al., 2021). A necessidade de pertencimento a um grupo, neste caso, torna-se mais forte que o senso de certo e errado, pois o ser humano, um ser mediado pelas relações sociais, está sempre em busca de aceitação e sentimento de pertencimento, principalmente na adolescência. Assim, há a naturalização de ações muitas vezes violentas, sem que o indivíduo perceba, pois aprendeu que agir de forma violenta é a única forma de ação.

Eu questionava tipo, 'meu, isso aqui não é legal fazer isso', mas como eu não tinha outros exemplos, eu acabava reproduzindo e fazendo, porque minha turma fazia, porque era assim que eu tinha aprendido, eu não vi outra forma de fazer (...) Essa construção coletiva influencia demais na forma como a gente age, mesmo a gente achando que não é algo legal, a gente faz para se sentir pertencente ao grupo (...) Algumas vezes a gente nem sabe que a gente está sendo violento, a gente só acha que a gente está fazendo, enfim, algo natural, e a gente só reproduz, sem questionar e sem realmente saber que é uma prática violenta (S2, 27 anos).

Salvaguardadas as interpretações sobre como a violência doméstica é grave, verificaram-se falas que naturalizam e banalizam situações de violência. Os sujeitos referiram que situações de violência são comuns e muito noticiadas nas mídias, aspecto que pode favorecer um movimento de banalização destas situações:

[A violência] fica tão banalizada porque é uma coisa que acontece com tanta frequência que eu nem lembro mais assim de um caso específico (S5, 20 anos).

Hoje em dia eu acredito que eu esteja um pouco mais frio, porque assim, é o que a gente lê todo dia, então assim, seria mais uma, mais uma notícia, 'nossa, mais uma pessoa morreu', para um feminicídio (S13, 30 anos).

Conforme evocado por S5 e S13, o pensamento é sobre ser apenas “mais um” (sic) caso de tantos que acontecem todos os dias, não sendo possível sequer lembrar um caso específico noticiado. O caminho mais fácil está na naturalização, pois, de certa forma, impede que o indivíduo entre em contato com a problemática que ocorre com tamanha frequência. Neste sentido, segundo Saadi Tosi (2017), torna-se necessária uma constante vigilância para que não se acabe caindo nos trilhos da banalização da violência, visto que as relações estão se tornando cada vez mais violentas.

Eu me sinto lesado nessa parte, porque eu sofri uma medida protetiva por causa de mensagens que eu mandei que eu não queria largar, e não foi uma coisa... foi uma persistência emocional (...) eu tive um pai agressor e eu não sou agressor, pelo menos fisicamente. Já xinguei bastante mulher (S10, 41 anos).

Especificamente, S10 também demonstrou que naturalizava ações como xingamentos, perseguições e mensagens ofensivas, não as reconhecendo como violência. Isto vai ao encontro

de achados referentes à violência psicológica já explorados anteriormente e que, muitas vezes, ocorre cotidianamente e não é identificada como grave ou preocupante por ocorrer de forma mais silenciosa, conforme salientado por S7:

Eu vi muito dessas violências que a gente normaliza no dia a dia, que enfim, que até você parar para pensar, você não vê que é realmente uma violência (S7, 22 anos).

Seguindo na análise sobre as leituras dos homens acerca da violência doméstica contra a mulher, destacam-se falas que incentivam protegê-la, principalmente considerando seu aspecto cíclico. Os participantes defendem que agressores deveriam sofrer violências da mesma forma que a causam:

Até dá um sentimento catártico você ver em mídias quando a mulher está dando o troco (S5, 20 anos).

Não estou falando para não dar um soco na cara dele, não, tem que dar e se puder dar mais, pode dar mais! (...) [a violência é justificável] se o outro te agredir! Lei da ação e reação. O outro me agrediu... (S1, 25 anos).

O sentimento que me dá vontade de querer que sofra punições por isso, e punições não... punições físicas, e eu sei que não é o correto, mas é o que me vem, a vontade, eu olho e falo 'um cara desse tinha que apanhar, tinha que, sei lá, sofrer pelo que ele fez' (S12, 21 anos).

Nota-se que esse pensamento é problemático por estimular a ocorrência de violência, só que direcionada para um grupo de pessoas que seria, desta forma, merecedor desse sofrimento. Por mais que haja um sentimento “catártico”, conforme verbalizado por S5, na punição de agressores, fazendo-os provar de seu próprio “veneno”, isso seria apenas um incentivo para a

ocorrência de mais agressões, fugindo do ponto principal que seria o combate à violência como um todo. Além do exposto, há a questão de que essa concepção se assemelha ao pensamento dos próprios agressores, que acreditam que suas violências se justificam por inúmeros motivos, como a inferioridade de mulheres. Assim, esse discurso reforça o ciclo da violência, porque defende a utilização da própria violência para combatê-la, o que não faz sentido, já que a violência propriamente dita permanece presente, apenas mudando de alvo (Vieira, 2019).

Em relação aos sentimentos despertados ao falar sobre a violência doméstica contra a mulher, os sujeitos narraram sentir raiva, ódio, tristeza, dó, agonia, pena, revolta, impotência e “sentimentos negativos” (sic). Entretanto, alguns sujeitos descreveram ficar apáticos ao presenciar situações de violência, o que será abordado posteriormente neste estudo.

Eu sinto um pouco de raiva, pouco não, eu sinto muita raiva, porque assim, são situações que poderiam ter sido evitadas (S2, 27 anos).

Eu sinto dó, eu fico triste por ela, eu fico um pouco agoniado (S3, 24 anos).

Primeiro de tudo é certa pena, sabe? Da pessoa estar tendo que passar por esse tipo de coisa, de situação. E óbvio, muita raiva. Porque não tem como eu ficar me sentindo, apesar de com pena, me sentindo calmo (...) você fica revoltado, assim, pela pessoa estar numa situação que ela está sendo subjugada e ela não tem nenhum meio para poder se defender (S5, 20 anos).

Dá uma sensação de impotência, de ‘cara, como é possível alguém fazer isso, chegar nesse ponto’, então dá uma sensação de raiva, de ódio (S12, 21 anos).

O sentimento é só um sentimento negativo em relação a homens que batem em mulheres, agridem... me dá algo ruim, porque aí vem uma sensação de... da pessoa, uma forte que

bate em alguém que é mais fraco, então é um sentimento, 'como você é covarde, como você é sujo, como você é infeliz', sabe? (S13, 30 anos).

Ainda parecem existir poucos ensaios que abrangem os sentimentos dos homens acerca da violência doméstica contra a mulher, entretanto, em estudo realizado por Martínez-Moreno (2017) com grupo reflexivo de homens e mulheres, sentimentos semelhantes foram referidos pelos participantes: revolta, vergonha, tristeza, impotência, decepção, entre outros. Esse aspecto ainda assinala uma das contribuições originais da pesquisa em tela.

Outro tópico interessante e bastante presente na fala dos sujeitos foi a questão do diálogo e como sua falta se torna um problema ao se falar da violência doméstica contra a mulher.

Tem algumas pessoas que não vai adiantar sofrer, mas talvez se você se sentar, explicar, conversar, e passar por um processo de tentar mudar a pessoa de uma forma mais, vamos pôr, humana (S1, 25 anos).

Se a gente falasse mais sobre isso, tivesse mais espaço e mais colaboração, muito... a grande maioria dessas situações poderiam ter sido evitadas desde o começo (...) e aí me vem a importância de a gente realmente continuar abrindo espaços para esse tipo de discussão, não ficar falando como não agredir, né, mas como parar de agredir. [Violências] eu acho que vão existir, acho que é isso, é a partir de um diálogo, de uma conversa, para você conseguir identificar esses pontos, e mudá-los, e refazê-los, e buscar exercer de modos mais saudáveis (S2, 27 anos).

Uma coisa que eu acho bastante interessante e que está tomando dimensões ainda maiores é a relação das redes sociais com essas questões da violência doméstica, porque eu vejo que tem muitas pessoas que tão falando abertamente sobre essas questões enquanto na época dos meus pais e dos meus avós não era assim mencionado

tão abertamente. Então eu vejo que está tendo mais informações, mais aprendizado rolando para melhorar ainda mais a situação (S6, 21 anos).

Eu já acreditei que era só a pessoa querer sair desse relacionamento que ela sairia, e aí passou por muita conversa, principalmente com a minha irmã, que existem 'n' fatores que não é tão simples assim (S8, 31 anos).

Tem gente que acho que está com as ideias ainda lá do século retrasado, não é nem do passado, acho que se informar ajuda bastante sim, vai da pessoa de repente mudar a percepção dela, aquilo que ela acredita ser o certo, né, acho que mostrar outros olhares sobre a questão, é sempre bom (S9, 46 anos).

Baseado no levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa, percebe-se que a questão do diálogo conjugal (ou a sua falta) não é algo muito explorado em pesquisas sobre o fenômeno aqui estudado. Entretanto, para os participantes deste estudo, o diálogo é crucial para que ocorra mudança, pois, a partir dele, é possível promover um pensamento crítico em pessoas que nunca questionaram os aspectos mais profundos da violência doméstica contra a mulher, como as questões histórico-sociais envolvidas. Por meio do diálogo, também é possível mostrar e ensinar aos homens modelos de ação menos violentos, que podem ser favoráveis para eles mesmos e para os outros, mostrando, assim, que existem outros cenários benéficos, não apenas para as mulheres, mas também para os homens.

O diálogo compreendido como solução revela que sua falta é um problema para além da questão da violência doméstica. S2 narrou suas experiências sobre questões que surgiram ao longo de sua infância, adolescência e vida adulta, questionando se elas seriam menos violentas caso tivessem recebido uma educação voltada para gênero e sexualidade. Esse discurso foi reforçado por S9.

Se eu comecei a me questionar com 23, 24 anos, talvez se eu tivesse me questionado lá para quando eu tinha 13, 14, pode ser que muitas ações que eu tive enquanto adolescente, que foram violentas com outras pessoas e comigo mesmo, poderiam ter sido diferentes (S2, 27 anos).

Existe ainda um grande tabu, né, de se falar disso, de enfrentar isso (S9, 46 anos).

Segundo Nery et al. (2015), muito da dificuldade de pais em se comunicar sobre assuntos como a sexualidade está no medo de que trazer a temática à tona de forma prematura pode significar uma autorização para que seus filhos comecem sua vida sexual, além do medo e vergonha de abordar este tipo de assunto que está cercado de tabus. Essa dificuldade acaba gerando lacunas que o adolescente preenche ao buscar informações por meio de outras vias, como por amigos e por buscas na *internet*.

A falta de diálogo dentro de relacionamentos também foi citada, sendo vista como um dos fatores de risco para violências e principais causadores de término:

Eu ainda falhei muito nesse quesito, eu acho, de me relacionar e ser aberto, de ser comunicativo, de me expressar e considerar o que outra pessoa estava sentindo, se expressando (S2, 27 anos).

Acredito que problema de comunicação, em geral, gera discussão em qualquer que seja o âmbito, seja em um relacionamento privado, ou seja numa empresa (S7, 22 anos).

Segundo Wilhelm & Oliveira (2011), a dificuldade na comunicação é referida por muitos casais como um indicativo de insatisfação no relacionamento. Assim, a violência pode se tornar o único tipo de comunicação que os indivíduos conhecem em suas relações. Também é importante levantar a questão da dificuldade de homens em se comunicar, pois estes não são

ensinados a utilizar o diálogo e expressar seus sentimentos, então a violência se torna uma linguagem. Contudo, esse aspecto será abordado posteriormente.

Foi exposto, ainda, o pensamento de que não apenas a promoção de diálogos acerca desse assunto é importante, mas a abertura dos indivíduos para que ele ocorra:

As pessoas têm acesso à informação se quiserem, mas elas não querem, não querem entrar nesse tipo de assunto, e não estão dispostas a se colocarem para entrar num debate e querer aprender (S8, 31 anos).

É a abertura do diálogo que é o mais importante, porque acesso à informação qualquer um vai ter se ele quiser procurar, mas tem que tirar a pessoa da zona de conforto para ele poder, realmente, procurar uma mudança (S13, 30 anos).

O acesso à informação está sendo cada vez mais possibilitado pelas mídias sociais, ao passo que ainda há o incentivo às “desinformações”, que vão no caminho contrário da ciência, além da existência de tabus sobre determinados assuntos, como a sexualidade, que está diretamente relacionada às questões de gênero e violência. Assim, faz-se muito importante a insistência de pesquisadores em trazer estudos com dados científicos que incentivem a produção de conhecimentos sobre o assunto, além de construção de políticas públicas para que, aos poucos, os objetivos de diminuição de violências e igualdade entre gêneros estejam cada vez mais próximos.

Por fim, destaca-se que essa pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia da COVID-19 e, embora a crise sanitária não tenha sido alvo da investigação, alguns participantes fizeram conexões entre o momento vivido e o tema da violência doméstica:

Agora eu percebi isso, também já vieram estudos também a falarem, que, por conta do COVID, aumentou a violência doméstica (S6, 21 anos).

Uma das coisas que eu mais pensei, inclusive, no início da pandemia, e que, claro, não fui só eu, mas muitas pessoas, seria justamente esse... que poderia ter um grande aumento no caso de violência doméstica por conta de a galera ficar em casa (S7, 22 anos).

Na pandemia do COVID-19, diversos países do mundo adotaram estratégias para contenção da perpetuação do vírus, incluindo o isolamento social, que obrigou muitas vítimas de violência doméstica a permanecerem em ambiente doméstico junto de seus agressores. S6 e S7 compartilharam seus pensamentos em relação ao possível aumento dos casos de violência doméstica neste período, o que de fato aconteceu: foi registrado, em diversos países, um aumento significativo de casos (Oliveira et al., 2020). No Brasil, houve aumento de 17% de denúncias logo no primeiro mês de isolamento (Marques et al., 2020), porém, a questão da subnotificação também foi considerada, já que os agressores usufruem do controle e vigilância de suas parceiras, inviabilizando que sejam feitas denúncias (Oliveira et al., 2020; Vieira et al., 2020).

Em resumo, as leituras masculinas sobre a violência doméstica contra a mulher envolveram conceitos sobre: tipos de violência (física e psicológica); reflexões sobre os fatores de risco que podem levar a uma agressão, como o uso de substâncias, o senso de superioridade de homens sobre mulheres, traição, cultura machista e perspectivas biológicas e histórico-culturais; o ciclo da violência, no qual se pune violência com violência. Também se revelou reflexões sobre a questão da impunidade, considerada fator de risco pelos participantes. O diálogo e sua falta foram apontados como favorecedores para a ocorrência de violências, pois a comunicação utilizada é a própria violência ou o comportamento agressivo. Além disso, assinalou-se os impactos da violência no âmbito individual e coletivo, e a banalização da violência por sua frequente ocorrência, o que a naturaliza nas relações de intimidade.

Tema 2: Reflexões sobre ser homem e masculinidades

No mundo masculino, pobre do menino

Que nas pedras vê sua essência bem refletida

Não confunda força com violência⁸

Este tema foi composto por nove códigos: 1. Visão do agressor como doente; 2. Masculinidade tóxica 3. Machismo; 4. Processos proximais; 5. Papel da sociedade; 6. Consciência sobre próprias violências; 7. Apatia/indiferença ao presenciar violências; 8. Tomada de consciência: a busca pela mudança; 9. A falsa simetria: homens também sofrem violências. A partir dos códigos, nota-se que, ao falar sobre violência doméstica contra a mulher, os participantes apresentaram também reflexões acerca do que é ser homem e masculinidades, temas interessantes por terem surgido de forma natural, já que o roteiro de coleta de dados não envolveu perguntas específicas sobre esses assuntos.

Especificamente, na reflexão sobre o que significa ser homem, os sujeitos trouxeram questões em relação aos seus processos proximais e como desenvolveram seus conceitos acerca da masculinidade baseado nas suas convivências sociais como escola, amigos e família. Essa perspectiva coaduna com a literatura, que concebe a pessoa humana como ser social que desenvolve seus conhecimentos por meio de suas relações sociais, internalizando, muitas vezes, de questões culturais e históricas de seu meio (Galbiatti & Camargo, 2021). Neste sentido, segundo Lírio et al. (2018), a construção da personalidade de crianças é espelhada em seus pais, ideia que parece ser apoiada pelos participantes:

Acho que assim, comportamentos agressivos vem na maioria de infância e coisas que a

⁸ Trecho da música “Mulheres não têm que chorar”, de Ivete Sangalo com participação de Emicida. Composição de Emicida / Guga Fernandes / Tiê Castro. Universal Music Ltda. (2020).

gente aprende, principalmente homens, tipo, que tem toda essa coisa de ser forte, de bater nos outros, brincar de lutinha, ver desenho de lutinha, jogar jogo de lutinha, acho que tipo, isso acaba influenciando um pouco (S3, 24 anos).

Meu pai tem muito traços machistas dentro dele e isso é nítido por conta da relação que ele tem com os irmãos deles. Eu vejo que vem de família, que é meio que uma tradição que vem passando de pessoa para a pessoa, de geração para geração (S6, 21 anos).

Eu acredito que é muito cultural, cultural que eu digo assim, não só da nossa cultura brasileira fazer isso, cultural do que eu digo de tipo, o pai dele não teve muita essa informação, e o filho também não vai ter acesso à informação, ideia de multi perpetuação. E aí nesse sentido, de novo, eu vejo uma falta de ação do Estado, né (S7, 22 anos).

Eu fui criado dessa forma, meu pai me levava na zona quando eu tinha 20 anos. Depois eu fui perder a virgindade numa uma relação aí com várias mulheres, entende? Então a gente tinha todo esse ritual. Eu acho que isso aí trouxe um pouco dessas crenças em mim, de valor ou não valor (S10, 41 anos).

Eu aprendi muito no meu pai. Eu aprendi a como não ser igual ele. Eu aprendi a não ter determinadas... falar determinadas coisas, não pensar de determinadas maneiras distinta da deles. E eu vejo que isso também acaba sendo influenciado pelo círculo social (S6, 21 anos).

Conforme narrado por S6, há também a questão de exemplos a não serem seguidos e que se referem ao desenvolvimento de crianças que testemunham situações de violência em casa. Segundo Carvalho-Barreto et al. (2009), pais – em especial o genitor do sexo masculino

– podem prevenir ocorrência de violências quando possibilitam que os filhos tenham vivências sem rejeições e/ou violências, assim como quando proporcionam uma educação saudável em relação à masculinidade.

Por outro lado, um relacionamento que contém violências tem influência direta nos filhos e na família próxima, assim como nos amigos e vizinhos (Carvalho-Barreto et al., 2009), contribuindo para que os filhos se desenvolvam seguindo estes modelos violentos e, possivelmente, o reproduzam em suas próprias relações em outros momentos do ciclo vital (Lírio et al., 2018). Neste sentido, segundo achados de pesquisa de Lírio et al. (2018), homens passando por processo criminal narraram que a falta de afetividade dos pais, as vivências de violência física e psicológica e presenciar a violência conjugal entre os pais foram fatores cruciais para o desenvolvimento de comportamentos violentos.

Em relação aos papéis sociais do homem, ao sujeito masculino é imposta uma postura de força e coragem, não permitindo fragilidades. Aspectos sobre isso são exemplificados nos fragmentos a seguir:

Acho que você expressa alguns sentimentos seus através da agressão contra pessoas, você não está expressando da forma mais saudável e tem outros jeitos de expressar isso, tipo, a gente fica com raiva dentro dos nossos relacionamentos, acho que qualquer um, só que acho que muito vem da história da pessoa, como ela apresenta agressões na vida dela, tipo expressa essa raiva, esses males (S3, 24 anos).

Eu acho que a questão da cultura machista leva muito isso em comum, porque o homem é sempre ensinado a bater, bater, bater, sempre ser agressivo, revidar, não deixar barato, falar sempre mais alto (S4, 29 anos).

Você pega Rousseau, ele falava que o homem nasce bom e a natureza o corrompe. Eu

não acho que é nem um nem outro, eu acho que existem pessoas que nascem neutras, pessoas que nascem boas e pessoas que nascem más. Aí o sistema em que ela está inserida, o ambiente em que ela está inserida é que vai de moldar o que ela é (S5, 20 anos).

O homem foi construindo essa ideia de que ele é o ponto principal dentro da sociedade e que ele tem o poder por si próprio, enquanto a mulher sempre foi pouco valorizada e não foi devidamente construída essa relação de equilíbrio que há entre os sexos (S6, 21 anos).

Pode ser a sociedade em si, que ele traz, uma sociedade machista, então ele acha que ele tem o direito de fazer isso com a mulher, porque ele enxerga a mulher como algo menor do que ele, então se sente maior, por isso ele pensa que ele tem direito disso. Eu acredito que tem muito a ver, aí já vem a parte sistêmica, que tem muito a ver com a família, então vai depender do referencial, e o ambiente no qual ele está inserido, então as vezes para ele é normal, ele viu sempre o pai bater na mãe, então para ele isso é o referencial certo, é referencial de um relacionamento saudável, então isso pode também justificar o porquê de o homem bater em uma mulher (S12, 21 anos).

Revela-se como o processo de socialização dos meninos pode fazer com que eles naturalizem a violência, ao mesmo tempo em que aos homens, não é permitido chorar (“homem não chora”) ou entrar em contato com suas emoções, pois devem apresentar força e virilidade. Esses conceitos são violentos em si por não permitir ao indivíduo vivenciar afetos inerentemente humanos. Homens só podem se permitir sentir raiva, a qual deve motivar e guiar suas ações (Santos, 2015). Segundo Cabral et al. (2019), afetos “negativos”, como o medo e a raiva, têm efeitos diretos na agressividade de seres humanos. Neste sentido, a demonstração de

outras emoções seria algo entendido como ameaçador para a masculinidade, pois expõe possíveis fragilidades (Santos, 2015). Assim, naturaliza-se a agressividade de homens, utilizada como sinônimo de força e baseando-se em argumentos relacionados à biologia humana, reforçando ainda sua dominação sobre mulheres e incentivando a utilização da violência como recurso de poder (Albuquerque et al., 2013). Essas ideias se complementam à concepção de que homens estão sob influência das construções advindas de uma estrutura social machista que é legitimada pela via dos discursos e dos afetos (Brito et al., 2015). Esses aspectos são ilustrados pelos participantes, como nos trechos a seguir.

Falar da minha história de vida também traz essa questão de buscar o olhar para dentro e tentar desconstruir esses estereótipos de masculinidade que são... que a gente aprende desde muito cedo, né, que a gente não questiona, porque a gente nunca foi ensinado a questionar (...) a gente pode discutir sobre novas formas de masculinidade, entender que não existe um só modelo, mas existem vários modelos diferentes, e que não necessariamente têm modelos certos ou errados, mas que existem modelos não violentos, e é para esse tipo de modelo que a gente tem que começar a olhar e começar a quebrar esses modelos violentos que a gente está inserido em todos os nossos contextos (S2, 27 anos).

Eu vejo que tem dois tipos de homem: a galerinha da academia, é fortinho, sempre foi agressivo, sempre foi marrento a vida inteira e está acostumado com agressão e tudo mais, eu imagino que uma pessoa dessa assim tem uma boa chance de agredir a pessoa que se relaciona, por ter esse histórico de agressão na vida e tudo mais; e tem os que são mais introvertidos, mais na deles, que reprimem muitas coisas e também aprendem a agressão como meio de suprimir elas (S3, 24 anos).

A pessoa foi criada dessa forma e acredita que a violência pode ser a resposta pra essas coisas, passa por uma sociedade que coloca o homem como tendo que ser o forte, o valente, o corajoso, que não pode expressar sentimentos, e encontra nas expressões de raiva, na força, uma forma de lidar com as frustrações e de não saber lidar com os sentimentos dele, então acredito que é um conjunto de coisas, né, mas principalmente não saber lidar e não saber expressar sentimentos e achar que a raiva e a violência é uma alternativa (S8, 31 anos).

Percebe-se que os ideais de papel social do homem vão ao encontro da chamada masculinidade tóxica, que se refere aos comportamentos reforçadores da hegemonia masculina e impacta de forma negativa na vida dos homens, influenciando em seu bem-estar e impedindo-os de experimentar seus afetos ou emoções de forma livre (Mesquita & Corrêa, 2021; Paula & Rocha, 2019). A masculinidade tóxica foi amplamente citada pelos participantes desse estudo que a descreveram como violenta e prejudicial em suas experiências de vida. Neste sentido, S8 citou um momento em que sofreu agressões de seu pai que, frustrado por estar desempregado, percebeu-se como incapaz de manter seu papel social de provedor da casa.

Eu apanhei uma vez do meu pai, era um momento que ele estava completamente frustrado com a falta de emprego, com o não se sentir como o homem da casa como ele deveria ser, e então passava por tudo aquilo que o homem imaginava que ele deveria ser e não conseguia fazer pela família dele (S8, 31 anos).

Ao não cumprir este papel, viu sua própria masculinidade ameaçada e, para reafirmá-la, fez uso da violência, ao mesmo tempo expressando suas emoções “negativas” por meio da agressividade (Paula & Rocha, 2019). Outra característica da masculinidade tóxica apresentada pelos sujeitos foi a questão da dificuldade em comunicar o que pensa ou sente, conforme

narrado por S3:

*Eu não sabia falar direito, tipo, as coisas que eu sentia com ela no relacionamento e tudo mais, as coisas que me incomodavam. Eu não sabia verbalizar isso dentro da relação. Então eu acabei sendo um [*substantivo masculino; sinônimo de babaca] com ela (S3, 24 anos).*

Parece ser exclusividade das mulheres o incentivo à comunicação sobre como se sentem e lhes é permitido demonstrar suas emoções (Silva, 2015). Em contrapartida, aos homens se estimula o uso da violência no desenvolvimento da socialização, tornando-se parte da identidade desses sujeitos, que não sabem se expressar de formas menos violentas, como também mencionado anteriormente (Albuquerque et al., 2013; Mesquita & Corrêa, 2021).

O participante S2 citou que o próprio homem criou e se mantém dentro dos ideais da masculinidade hegemônica que, além de ser autodestrutivo para os próprios sujeitos do sexo masculino, também acaba sendo prejudicial para mulheres e pessoas LGBTQIA+, por fortalecer a desigualdade de gênero e os comportamentos violentos dos sujeitos masculinos (Mesquita & Corrêa, 2021).

Mas eu acho que o homem mesmo se colocou numa posição que não é saudável, por exemplo, essa hipermasculinidade (...) essa masculinidade tóxica, que hoje em dia está começando a ser trabalhada, estudada e reconhecida. Então, eu vejo que é uma hierarquia e um contrato social extremamente autodestrutivo se não for mudado e eu acho que a gente está fazendo progresso como uma sociedade para melhorar esse tipo de coisa (S2, 27 anos).

Além disto, nem sempre há o interesse em buscar essa mudança, porque, conforme apontado por S7 e S9, não é interessante ao homem mudar um sistema que lhe favorece, já que

este sistema foi criado e é mantido por homens, e os coloca numa posição de controle, poder e superioridade.

Às vezes o cara não sabe que ele pode mudar (...) ele até sabe que pode mudar, mas enfim, ele não vê a necessidade, porque 'pô, deu certo pra mim até hoje assim, por que que eu vou mudar?' (S7, 22 anos).

A partir do momento que você está desconfortável com a pessoa que você é, você tenta mudar, ou você percebe que deveria mudar e se abrir para outros tipos de ideias, e não acho que todo mundo está disposto a passar por esse tipo de desconforto (S9, 46 anos).

Outro conceito revelado pelos participantes em suas narrativas foi o machismo. O machismo também expressa a superioridade de homens sobre mulheres que necessita ser reforçada por comportamentos no cotidiano (Silva & Laport, 2019). Apesar de ser comumente direcionado às mulheres, afeta também os homens na medida em que se atrela aos ideais de masculinidade tóxica (Silva & Melo, 2021). O machismo será aprofundado posteriormente na discussão sobre as vítimas da violência doméstica, porém alguns participantes expuseram situações em que foram machistas ou que presenciaram atitudes machistas de outros homens:

No ensino médio, eu lembro que sempre tinha uns comentários bem sexistas dos moleques para as meninas e eu lembro que eu não gostava de fazer esse tipo de comentário (S6, 21 anos).

Minha mãe sempre trabalhava, até quando ela estava grávida de mim. Aí aconteceu de o ambiente de trabalho dela se tornado muito tóxico quando ela voltou depois de eu ter nascido, da galera querendo diminuir ela porque tipo, sabe aquele papinho de você quer ser mãe (...) muitas vezes eles falaram assim: 'ah, você quer ser mãe ou você quer

trabalhar? Não sei o que'. Tipo, permite a mulher no mercado de trabalho, mas quer que ela seja simplesmente uma escrava do dinheiro, ou então uma escrava em casa (S5, 20 anos).

*É até [*substantivo masculino; sinônimo de complicado] falar isso, mas a primeira coisa que eu penso é 'o que ela fez?'. É a primeira coisa que vem na minha cabeça, acho que eu fui treinado para vir essa pergunta (...) eu acho que subconscientemente é até uma passada de pano para o cara, né? Se for parar para pensar. Mas, assim, a primeira coisa que vem na minha cabeça é essa e, conseqüentemente, a primeira coisa que vem na minha cabeça se você me perguntar o que que motivou o cara é 'sei lá, ela deve ter feito alguma coisa' (S13, 30 anos).*

O machismo é desenvolvido nos indivíduos principalmente por influência da família e outras relações sociais, envolvendo uma criação fria e marcada por rejeições, resultando em lacunas no que diz respeito ao desenvolvimento da empatia com outras pessoas (Silva & Laport, 2019). Assim, com a dificuldade de entrar em contato com as próprias emoções, os homens permanecem indiferentes em relação às situações de violência, isso somado à normatização da violência, abordada anteriormente no estudo em tela, que também contribui para essa insensibilidade. Neste sentido, alguns participantes descreveram situações em que permaneceram apáticos ao presenciar agressões:

Eu nunca presenciei uma situação de violência física, de assim, tem uma pessoa ali e tal, agarrar, puxar, empurrar, isso eu nunca presenciei, mas os outros tipos de violência, alguns (...) e não reagi, eu só saí (S2, 27 anos).

Olha, eu já vi meu amigo assediando, mas fiquei quieto (...) às vezes o homem tem consciência, mas não faz nada para mudar isso (S12, 21 anos).

Entretanto, vários participantes narraram não se envolver em situações de violência por autopreservação e medo de se machucarem caso intervissem, o que faz sentido segundo Santos & Faro (2018), que afirmam que os seres humanos tendem a evitar situações possivelmente ameaçadoras para suas vidas:

Nesses pontos mais simples assim, mais escondidos na nossa cultura, eu acredito que realmente não faça nada, não tenho costume de fazer nada (S7, 22 anos).

A primeira reação quando você escuta de o cara estar armado, é você se afastar, né, se preservar (S8, 31 anos).

A minha reação seria de... Eu ia pensar, primeiro, se... eu vou usar um termo selvagem, se o cara for muito maior do que eu, eu não vou me meter tanto, né? (S10, 41 anos).

Assim, ao pensar que aquele cenário pode ser nocivo para si próprio, a tendência do indivíduo é recuar e não se envolver de nenhuma forma, mesmo no que diz respeito a realizar denúncias – ainda se mantém a lógica de “não meter a colher em briga de marido e mulher”, esperando que a situação seja resolvida apenas pelas partes nela envolvida, conforme narrou S9:

A gente fica na dúvida, né, do que fazer, como fazer, qual o momento, porque às vezes a gente pensa, ‘ah, mas será que não é só uma coisa mais...’ no caso de uma discussão, né, ‘será que não é só... daqui a pouco eles vão se acertar’, e a gente nunca sabe pra que grau aquilo vai passar, se vai aumentar, ou se vai diminuir, se vai se resolver de uma maneira pacífica, ou se de repente vai até chegar a um óbito, a gente fica muito nessa incerteza (S9, 46 anos).

Outro ponto relevante para essa discussão foi a visão dos participantes de que homens

que agridem são doentes psicologicamente, devendo ser isolados da sociedade, pois não possuem a capacidade para convivência:

Têm pessoas que talvez sejam difíceis de punir, e tem pessoas que você não vai corrigir de nenhuma maneira, talvez porque têm algum problema psíquico (S1, 25 anos).

Eu acho disfuncional, desadaptado. Eu acho que não tem um canal de comunicação saudável (S10, 41 anos).

Eu acho que eles têm problemas sérios, sabe, isso não é normal, não é um comportamento normal, é um comportamento antissocial, comportamento patológico, na minha opinião, e lógico, acho que eles deveriam fazer terapia, desde pequenos, né, eu acho que eles não deveriam ser tratados como pessoas normais, como pessoas saudáveis ou com... tipo, eu não acho que eles deveriam estar na sociedade do mesmo jeito que eles estão, não acho certo isso (...) Devem [ficar isolados], é, até eles se ressocializarem, até, como é que fala, até reconstituir eles, não sei, até eles ficarem bom da cabeça e começar a se comportar direito, né (S11, 21 anos).

Este pensamento é, de certa forma, um meio de isenção da responsabilidade masculina coletiva, já que o agressor seria problemático e desajustado, o que o diferenciaria de outros homens (Fonseca et al., 2012). Transfere-se a culpa para um transtorno psicológico, um comportamento patológico, anormal, e assim, ignora-se todos os outros contextos que influenciam para que a violência aconteça, excluindo a possibilidade de que qualquer homem possa ser um potencial agressor e abrindo brechas até para questionar se a culpa é da mulher: Como ela não percebeu que ele era um agressor/doente mental?

Em contrapartida, alguns participantes reconheceram que já foram autores de violência em suas relações de intimidade. Eles também reconheceram a responsabilidade pelas próprias

agressões realizadas em alguns momentos de suas vidas, assim como momentos de tomada de consciência que os levaram a mudar a forma como pensavam a questão:

Eu tive alguns comportamentos que foram violentos e agressivos durante o relacionamento (...) eu gritei e acho que eu dei um tapa ou um soco numa parede (S2, 27 anos).

Eu já acreditei que era só a pessoa querer sair desse relacionamento que ela sairia, e aí passou por muita conversa, principalmente com a minha irmã, que existem 'n' fatores e que não é tão simples assim (S8, 31 anos).

Eu tive uma professora de psicologia que falava que 'a oportunidade faz o ladrão'. Eu fico me perguntando isso, se eu tivesse uma arma naquele dia, se eu poderia cometer aquilo, entendeu? (S10, 41 anos).

Aí eu me perguntei 'Será que eu era machista, possessivo?'. Me encontrei desafiado a essa minha criação de não aceitar um 'não' de uma mulher, entendeu? Eu vi que isso me deixava... me sentia inferiorizado. Então eu não queria aceitar esse 'não', que ela podia ter uma relação com outro homem e eu achar isso normal, então eu me senti nesse manejo com dificuldade, até que com o tempo e muita terapia eu consegui saber que ela poderia ter relações com outros homens, entendeu? E que isso não me faria menor, entende? (S10, 41 anos).

São situações bem desconfortantes, hoje, para mim, pela consciência que eu comecei a ter. Eu vejo e falo 'que atitude infeliz e que atitude que deve mexer muito com as mulheres', eu nunca vou ter essa sensação né, eu nunca vou saber como é isso (S12, 21 anos).

Quando você começa a quebrar uns paradigmas ali, você começa a refletir sobre outros aspectos da sua vida também, outras situações. Então acaba que uma coisa interfere e muda você para... acredito que para melhor, né? Em vários outros setores da sua vida também (S13, 30 anos).

Infere-se que houve um processo de tomada de consciência que aconteceu como resultado de revoluções internas que foram acompanhadas pelas questões socioambientais – mudanças de paradigmas (Brito et al., 2021). Segundo uma perspectiva histórico-cultural, tomar consciência sobre um fenômeno permite que o indivíduo se organize e se oriente, enfrentando possíveis dificuldades e, assim, podendo modificar a cultura em que está inserido, da mesma forma que é alterado por ela (Clot, 2014). Neste sentido, ao assumir responsabilidade por suas violências, os sujeitos narraram uma busca pela mudança diariamente, evitando reproduzir ações prejudiciais, almejando quebrar os conceitos violentos que influenciaram, durante algum tempo, seus comportamentos, conforme menciona S2:

Óbvio que eu ainda faço muitas coisas erradas, ainda vou fazer muitas coisas erradas, mas é uma busca, uma desconstrução diária para tentar reproduzir modelos mais saudáveis, né, então eu estou muito mais comunicativo, eu estou muito mais aberto, eu ouço muito mais, eu pergunto muito mais (...) não tem como corrigir o passado, mas tem como eu melhorar o meu presente e o meu futuro (S2, 27 anos)

Dessa forma, fica nítido como é importante envolver homens na discussão da violência doméstica contra a mulher, pois, assim, há promoção de reflexões masculinas que podem resultar em mudanças de comportamentos violentos e prejudiciais, tanto para as vítimas, quanto para os próprios autores/homens, comportamentos estes que contribuem para a ocorrência da violência. Nesse sentido, denota-se a importância da criação de políticas públicas que abranjam

homens, não apenas de caráter punitivista, promovendo processos de conscientização.

Em linhas gerais, as reflexões sobre ser homem e masculinidades dos homens, que participaram do estudo em tela, envolveram, principalmente, o conceito de masculinidade tóxica hegemônica, que influencia no comportamento violento do homem ao afastá-lo do seu próprio sentir. Os papéis sociais masculinos também foram citados. Mas, no final, a tomada de consciência individual e a assunção de responsabilidades sobre as próprias violências aponta para a possibilidade de transformação social e uma conseqüente diminuição nos casos de violência doméstica que são praticados por homens.

Tema 3: Os extremos da agredida: vítima e culpada

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
*Você é seu próprio lar*⁹

O terceiro e último tema deste estudo foi composto por 3 códigos: 1. Culpada ou vítima; 2. Objetificação da mulher; e 3. Femicídio. Em suas narrativas, os participantes trouxeram muitas falas relacionadas às vítimas e às questões que as envolvem, como a culpabilização. Afinal, questiona-se: a mulher que sofre violência dentro de um relacionamento é culpada ou vítima? Para os participantes da investigação em tela ela navega entre esses dois extremos.

⁹ Trecho da música “Triste, Louca ou Má”, de Francisco El Hombre. Composição de Juliana Strassacapa / Sebastián Piracés-Ugarte / Andrei Martinez Kozyreff / Mateo Piracés-Ugarte / Rafael Gomes. Warner Chappell Music, Inc (2016).

Tem uma agressão também por parte dela que não contribui para que isso, para ele, tipo assim, não contribui, como que eu posso dizer? Não contribui para que um homem possa parar de agredir uma mulher, só piora a situação (...) muitas vezes a gente não sabe se a mulher contribuiu... não é no sentido de tipo, não é contribuir no sentido de sair com roupa curta, de sair com as amigas, essas coisas machistas, contribuir no sentido da agressão mesmo, porque a gente sabe que tem muitas mulheres, tanto como homens, ciumentas (S1, 25 anos).

Quando você está dentro de um relacionamento tóxico, que tá afetando a cabeça da pessoa, eu acho que sim, pode ter, digamos, uma certa culpa sim, no sentido de (...) os dois afetando negativamente o psicológico dos dois. Tipo, eu acho que sim, pode ter culpa sim, porque assim, antes de eu viver o que eu vivi, eu achava que não, não tem, mas depois do que eu vivi, eu vi do que pode ser capaz. Eu acho que sim, a pessoa com caráter péssimo, dessas sociopatas, ela pode sim fazer você ficar louco, sabe, fazer você ficar louco, jogar você... por exemplo, uma pessoa manipuladora, pode te induzir a, sei lá, ficar gritando, se fazer de santinha, mas não que todos os casos sejam assim (S4, 29 anos).

Eu tive pacientes que batiam nas mulheres (...) eles batiam nelas porque elas eram agressivas emocionalmente, entendeu? E eles já tinham comportamento agressor já desde a infância, mas com outros homens, então eles já respondiam a esse comportamento próprio deles, mas as mulheres também incitavam as agressões, entende? Estimulavam, né (S10, 41 anos).

Um importante detalhe nos discursos é que os homens evitaram o uso da palavra “culpa”, utilizando sinônimos ou afirmando que a culpa nunca deve ser colocada na vítima,

porém se contradizendo ao exemplificar situações que culpabilizam mulheres por se submeterem às situações de violência ou provocarem a sua ocorrência por serem “ciumentas”, “manipuladoras” e “agressivas emocionalmente”, conforme citado por S1, S4 e S10. As narrativas destes três sujeitos, entretanto, também foram construídas de acordo com suas próprias vivências de relacionamentos, o que os leva a acreditar que se justificam.

Segundo estudos de Amarijo et al. (2020), Pereira et al. (2018) e Meluzzi et al. (2021) homens que realizam ações violentas, muitas vezes, tendem a não reconhecer sua culpa e/ou transferi-la para uma pessoa ou acontecimento, justificando-as como sendo resultado de atitudes da vítima. Os achados de Einhardt & Sampaio (2020) corroboram com essa ideia, afirmando que os agressores fazem tentativas de defender que seus atos só ocorreram como “resposta” à conduta de suas companheiras, que os colocam em situações extremas e os levam aos atos violentos. Além disso, as autoras acrescentam que nesse tipo de relacionamento ocorre um controle do agressor sobre a vítima, que se utiliza da culpa para manipulação (Einhardt & Sampaio, 2020). Assim, as mulheres são pintadas como loucas, descontroladas emocionalmente, provocadoras, agressivas, possessivas, facilitando que sejam desacreditadas ao denunciar violências ou manipuladas para que realmente acreditem que são culpadas por sofrerem agressões.

Então, se ela tem culpa... eu acho, assim, que talvez ela tenha uma parte de responsabilidade e contribuição. Por quê? Eu acho que existe um excesso hoje da exposição feminina, eu acho que ela banalizou o sexo, entendeu? Eu acho que a mulher está muito exposta ao sexo como um objeto, ela se tornou um objeto. E eu acho que, assim, tem mulheres ainda que... elas podem... eu não sei se ela desperta, acho que desperta isso num homem, entende? Eu fico me perguntando se essa mulher ela gosta de ser desejada de uma forma saudável ou se ela gosta de ser desejada, se o gostar de

ser desejável é uma coisa do caráter (...) talvez, eu acho, que ela tem uma parcela de responsabilidade no excesso, mas não como culpa, entendeu? (S10, 41 anos).

Verifica-se no fragmento um movimento de culpabilização da vítima de forma menos velada, pois expõe crenças de que a mulher deve ser responsabilizada e contribui também para a agressão sofrida, porque há uma exposição e consequente banalização do sexo. Essa linha de pensamento é construída e difundida pelos ideários de papéis sociais de homens e mulheres, em que o modelo de feminilidade é de submissão ao homem, cuidadora da casa e dos filhos, passiva, doméstica, discreta e “comportada” (Vieira, 2018; Einhardt & Sampaio, 2020). Quando a mulher não corresponde a esse ideal, ela, automaticamente, torna-se indigna de respeito na visão masculina e, seguindo esta lógica, permitindo que homens a tratem como quiserem, pois, ela mesma não “se dá o respeito” (Magrin et al., não publicado). Este conceito esteve presente na fala de S11:

O contexto que a pessoa está inserida, que acredita que a mulher é inferior, porque ele tem o direito de punir ela por não seguir um padrão que ele gosta, ou um papel em relação a ele, que ele acredita que ela tem (S11, 21 anos).

Esta concepção também pode incluir a narrativa de que a mulher provocaria agressões quando faz uso de substâncias como álcool e drogas, usa uma roupa curta e/ou expõe seu corpo, pois os homens se sentiriam atraídos e provocados a agir de forma animalesca, incapazes de controlar seus impulsos. Dessa forma, todos estes conceitos são utilizados como justificativa para agressões físicas e psicológicas dentro e fora de relacionamentos, além de impossibilitar a liberdade de mulheres, que se veem presas ao que lhes é imposto.

O homem vê a mulher como um objeto e, em cima daquele objeto, ele às vezes descarrega a raiva dele, às vezes como aquele objeto não responde à maneira que ele

gostaria que fosse, ele vai lá e se zanga com o objeto, mas está totalmente errado (S9, 46 anos).

Parece que as mulheres são propriedade do cara, aí quando alguém mexe com a propriedade dele, vai ferir o ego dele e ele vai partir para uma agressão (S13, 30 anos).

A objetificação da mulher também está ligada a essa discussão. Segundo Santos et al. (2020), objetifica-se uma mulher quando se define como ela deve se portar e aparentar e, quando há vulgarização de sua imagem, reduzindo-a à condição de objeto, que pode ser, muitas vezes, sexual. A sociedade produz uma visão da mulher como propriedade de seu parceiro, que é reforçada por propagandas e, em diversos países, é até mesmo ratificada por leis (Santos et al., 2020). Em relação a isso, S10 compartilhou como se sente em relação a vida sexual de mulheres de seu interesse, exemplificando um caso de objetificação e desvalorização de mulheres:

Às vezes, quando eu vou me relacionar, eu falo para a parceira 'não me fala nada do seu passado sexual' para eu não ter essa desvalorização mental, porque eu desvalorizo (S10, 41 anos).

Eu acho que a mulher está muito exposta ao sexo como um objeto, ela se tornou um objeto (...) tem mulheres do meu Instagram que elas colocam a foto para a gente seminua, aí, às vezes, você está naquele momento excitado... porque eu gosto de mulher, eu mando 'linda' e tal e fico ali (S10, 41 anos).

Assim, os impulsos masculinos são colocados como culpa da mulher, que é reduzida a um objeto sexual de desejo, carregando também a culpa pelos assédios sofridos. Pela objetificação, a vítima se vê novamente sendo rotulada, esforçando-se para satisfazer interesses alheios, agindo de acordo com o que lhe é estipulado, o que pode, inclusive, desencadear

quadros de transtornos alimentares (Santos et al., 2020). Por outro lado, mirando uma ótica contrária ao de S10, S2 reconheceu que este tipo de conceito acaba por ser violento e, de certa forma, irracional, mas que ele, por muitas vezes, reproduziu:

Sempre foi uma relação violenta nesse sentido, de tipo, não respeitar e não considerar a mulher como uma outra pessoa (...) é muito bizarro falar, 'por que que a gente deveria tratar outra pessoa como se fosse uma pessoa?' (S2, 27 anos).

Outro assunto referente às vítimas que foi abordado nas narrativas foi a questão de aceitação da situação de violência e permanência no relacionamento:

Não sou a favor de nenhum relacionamento que tenha violência, mas eu acho que se a gente está falando de pessoas com nível de entendimento alto, que tiveram acesso à educação, tiveram acesso a tudo, e enfim, que continua nesse relacionamento por opção (...) porque a pessoa ela tem ciência, ela sabe como sair da situação, e ela está porquê... porque quer, é muito difícil falar isso, né, enfim, mas enfim, eu entendo que ela teria condições de manifestar o desinteresse daquilo, para falar 'olha, me ajuda' (S7, 22 anos).

Olha, eu penso que talvez, eu sei que é muito difícil, mas talvez a culpa que tenha é por aceitar esse tipo de ocorrência, né (...) não sei se dá para chamar de erro, é isso, é continuar aceitando essa repetição de violência, mas fora isso, não, não vejo nada que justifique, por exemplo, o ato em si, entendeu? (S9, 46 anos).

Eu acho que a partir da permissão, a partir do momento que a mulher aceita essa situação [de violência], eu acho que ela abre brechas para aumentar a violência aos poucos (...) eu penso assim, que se ela, por exemplo, é que aí vai entrar um pouco do

machismo, se ela, por exemplo, está num relacionamento, sei lá, minha ex-namorada está num relacionamento comigo, eu bato nela uma vez e ela continua comigo, ela aceita, e aí eu continuo batendo nela, eu acho que nesse sentido tem culpa por não sair do relacionamento (...) você apanha, você é xingado e você continua nesse relacionamento? Não faz sentido (S12, 21 anos).

Os sujeitos S7, S8 e S12 questionaram o porquê de mulheres, muitas vezes, continuarem com seus agressores, mesmo tendo acesso à informação e podendo pedir ajuda. É comum ouvir pessoas afirmando não entender o motivo pelo qual essas mulheres permanecem e “aceitam” seus relacionamentos abusivos após sofrerem ameaças ou agressões, porém se desconsidera que essas vítimas, muitas vezes, continuam por fatores que não conseguem controlar: não possuem um lugar para ir; têm medo de retaliação; temem por seus filhos; acreditam na melhora de seus parceiros; dependem financeiramente de seus parceiros; não confiam que a justiça será suficiente para protegê-las; e não sabem a quem pedir ajuda (Oliveira et al., 2020; Zirbel, 2020; Einhardt & Sampaio, 2020).

Para além disto, conforme exposto por Silva et al. (2007), em vários casos, as vítimas permanecem nesses relacionamentos por dependência psicológica e emocional, que obstruem a identificação de que estão sofrendo violências. Outro fator é que a construção histórica de que o homem é violento por natureza e que mulheres são seres mais fracos que necessitam ser protegidas faz com que, muitas vezes, estas mulheres se mantenham em relacionamentos abusivos (Zirbel, 2020; Einhardt & Sampaio, 2020).

Muitas destas violências incluem o controle de chamadas e conversas em redes sociais, assim como o impedimento dessas mulheres de saírem de casa, com conseqüente afastamento de suas famílias e amigos, ou seja, suas possíveis redes de apoio e proteção (Oliveira et al., 2020). Ainda, dados da pesquisa do Instituto Patrícia Galvão em conjunto com Data Popular (2013) mostram que 85% das pessoas consideram que as mulheres que denunciam seus

parceiros correm mais risco de serem assassinadas, ou seja, muitas vezes, as vítimas não realizam denúncias por temerem por suas vidas ou pela vida de pessoas próximas.

Tem que ver o contexto do relacionamento, também, sabe, não dá para afirmar todos assim, depende do contexto, o que é, por que essa pessoa está no relacionamento, por que cada um não largou, por que não terminou (S4, 29 anos).

Muitos casos que eu já vi passando na televisão, de mulher que foi atrás, já fez um monte de boletim e tudo mais e o homem acabou perdendo a cabeça e, infelizmente, tomando uma atitude com que viesse a matar a sua companheira (S6, 21 anos).

Às vezes ela está num relacionamento tão amarrada ali, pode ser até emocionalmente, né, existe muito aquela coisa de quem está no relacionamento sempre acredita, 'ah, mas ele vai melhorar, ele vai mudar', então talvez essa esperança aí continue, ou dependência financeira, às vezes a pessoa não abandona o outro porque não tem para onde ir, não tem como se sustentar (S9, 46 anos).

Você fala assim 'mas ela não sai dali porque ela não tem pra onde ir', talvez, ou então, assim, ela... eu acredito que, basicamente, seja por isso, ela não consegue sair dali (...) e mesmo se ela conseguisse, vai ver ela está tão psicologicamente dependente da pessoa que ela se submete aquilo lá e fala 'Ah, ele faz isso, mas ele me ama'. Por isso eu não acho que seja por culpa dela (S13, 30 anos).

O fator da desigualdade social também esteve presente na fala dos indivíduos, conforme exposto abaixo. Segundo Silva et al. (2015), a violência contra a mulher está ligada à questão da desigualdade social pela escassez de políticas eficientes, a naturalização do fenômeno, as falhas dentro de instituições como escolas e os impactos da família e da religião.

Existem casos onde a vítima vai voltar a viver com o agressor, porque não tem outra condição (S2, 27 anos).

Tem mulher que não pode largar o relacionamento porque, tipo assim, só cuida da casa, não tem como trabalhar, não tem como nada, entendeu? Tem que ver todas essas questões (S4, 29 anos).

Por fim, dois sujeitos, S4 e S12, trouxeram a questão do feminicídio em suas narrativas.

Eles narraram conhecer mulheres que tiveram suas vidas ceifadas por seus companheiros:

Tem inclusive uma moça que estudou comigo, que teve até um pouco de repercussão nacional, uns anos atrás, que ela teve gêmeos, e o pai dos meninos matou ela e os gêmeos (S4, 29 anos).

Teve uma menina da medicina, que foi... faleceu por conta de ter sido asfixiada pelo namorado, e o pai dela é um dos melhores amigos do meu pai de faculdade (S12, 21 anos).

Muitos casos de violência doméstica contra a mulher acabam por resultar em feminicídio – homicídio de mulheres baseado em questões de gênero; apenas por serem mulheres (Romio, 2017). A exibição de notícias de feminicídios em mídias sociais e na televisão é comum, já que, segundo o Atlas da Violência (2021), o Brasil apresenta taxa crescente de feminicídios e violência doméstica. Entre 2009 e 2019, por exemplo, os homicídios de mulheres dentro de residências aumentaram 10,6%, ao passo que, no que diz respeito aos homicídios fora das residências houve redução de 20,6%. Deste modo, a gravidade da violência doméstica contra a mulher vai além das consequências psicológicas e físicas na vida de mulheres: ela pode significar o fim dessas vidas.

A gente nunca sabe para que grau aquilo vai passar, se vai aumentar, ou se vai diminuir, se vai se resolver, de uma maneira pacífica, ou se de repente vai até chegar a um óbito, a gente fica muito nessa incerteza (S9, 46 anos).

Nota-se que, segundo as narrativas dos homens deste estudo, a mulher agredida transita nos extremos de vítima e culpada, colocada como triste, louca ou má. Em um primeiro momento, ela é triste: não tem culpa pela violência que sofre, é vítima das circunstâncias, reduzida a um objeto que o homem utiliza como bem entender. Porém, ela também é louca: provoca agressões, é descontrolada emocionalmente, não é confiável e é violenta. Por fim, ela é má: manipuladora, questionada se realmente é vítima, já que se expõe às situações de violência e não sai do relacionamento abusivo em que se encontra.

Considerações Finais

Em linhas gerais, os participantes narraram a violência doméstica contra a mulher com base em suas histórias de vida, utilizando-se de suas próprias experiências para ilustrar suas opiniões. Contudo, ao falar de si, falam da masculinidade de outros homens. As narrativas masculinas explicam o fenômeno da violência doméstica contra a mulher como motivado por comportamentos tanto de homens quanto de mulheres. A impunidade de agressores, o uso de substâncias como álcool e drogas, a cultura machista, a noção de superioridade de homens sobre mulheres, a masculinidade tóxica, a reprodução da violência, os processos proximais de homens e a dificuldade na comunicação foram considerados como fatores de risco para que um homem cometa atos de violência. Em relação às ações de mulheres, narra-se a questão da traição, a provocação sexual, a agressividade, a hiper sexualização, o descontrole emocional e a passividade frente a situações de violência como atitudes de risco das vítimas, que poderiam provocar agressões.

Os homens entrevistados demonstraram possuir vastos conhecimentos acerca da violência doméstica contra a mulher, compreendendo-a como um fenômeno passível de condenação, imoral, injusto, assim como aqueles que a praticam. Contudo, assinala-se que mesmo com perfil de alta escolaridade, os participantes manifestaram preconceitos que são construídos no âmbito da família, cultura ou sociedade. Por outro lado, as narrativas dos participantes também expressaram sentimentos de tristeza, raiva, impotência e pena em relação à violência doméstica contra a mulher. Tristeza e pena pela vítima. Raiva em relação ao agressor. Impotência em relação ao fenômeno em si. Eles também percebem esse tipo de violência como relacionada a conceitos enraizados ou naturalizados na sociedade.

Os principais temas abordados nas narrativas exprimem reflexões acerca dos ideais de masculinidade tóxica e machismo, naturalmente violentos para homens – que são impedidos de

entrar em contato com seus sentimentos e obrigados a assumir um papel social de força e virilidade – e, principalmente, para mulheres, que são subjugadas e obrigadas também a assumir um papel social que lhes é imposto. Os homens entrevistados consideraram que tais ideias estão diretamente relacionadas à ocorrência da violência doméstica contra a mulher por diversos motivos, dos quais se pode citar a utilização da violência como forma de comunicação e a dificuldade em acessar os próprios sentimentos.

Denota-se, entretanto, que neste estudo, ao demonstrar as contingências que afetam homens e podem contribuir para ocorrências de agressões, não há a intenção de isentar, de nenhuma forma, a responsabilidade desses sujeitos pelas violências que cometem, mas sim oferecer a perspectiva de que há possibilidade de explorar meios para evitar que elas aconteçam ou tenham sua frequência diminuída por meio da conscientização dos homens.

As principais dificuldades encontradas na estruturação dessa pesquisa estão relacionadas à busca de referências contemplando os assuntos aqui levantados, como em relação aos sentimentos de homens sobre a violência doméstica contra a mulher. Nesse sentido, este estudo possui limitações. Pode-se citar como uma limitação a ausência do englobamento de questões sobre a desigualdade racial, variável importante no debate sobre a violência doméstica contra a mulher, segundo outros estudos. Outras limitações estão relacionadas ao perfil pouco diverso dos participantes e à dificuldade em atingir homens de baixa escolaridade, resultado dos procedimentos metodológicos adotados. Assim, torna-se importante explicar que as narrativas aqui expostas podem não corresponder à real compreensão masculina sobre a temática. Contudo, reconhece-se que os participantes expuseram uma tendência à necessidade de mudança no olhar que é construído por uma sociedade estruturalmente machista.

Também, por se tratar de um modo pouco peculiar de abordar a temática, denota-se a necessidade de aprofundamento nas questões aqui levantadas em outros estudos. Assim, esta dissertação também contribui para a ocorrência, o interesse e o aprofundamento de estudos que

apresentam a perspectiva dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher, aspecto que auxilia na compreensão ampliada do fenômeno.

Referências

- Albuquerque, F. P., Barros, C. R. S., & Schraiber, L. B. (2013). Violência e sofrimento mental em homens na atenção primária à saúde. *Revista Saúde Pública*, 47(3), 531-539. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004324>
- Alencar, G. S. P., & Aquino, M. G. C. G. S. (2017). A violência psicológica contra a mulher: Uma análise sobre a dificuldade de identificação da agressão. In: L. G. B Campello, & Y. N. C. Lannes (Orgs.). *Anais do V Congresso Nacional da Federação Nacional dos Pós-Graduandos em Direito*, 424-435. Federação Nacional Dos Pós-Graduandos Em Direito (FEPODI). <http://site.conpedi.org.br/publicacoes/696vp84u/bloco-isso/Q7dK1I8bTKHPV4ve.pdf>
- Alves, S. L. N., & Diniz, N. M. F. (2005). “Eu digo não, ela diz sim”: A violência conjugal e o discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(4):387-392.
- Amarijo, C. L., Figueira, A. B., Ramos, A. M., & Minasi, A. S. A. (2020). Relações de poder nas situações de violência doméstica contra a mulher: Tendência dos estudos. *Revista Cuidarte*, 11(2), e1052, 1-14. <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.1052>
- Amorim, M. S. C., Tavares, A. S., Wolff, L. S., & Costa, L. F. (2021). Violências familiar e social na vida do adulto autor de violência sexual. *Pensando Famílias*, 25(2), 176-194. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Barbosa, M. L. V. (2019). Violência contra a mulher: As diferentes faces e o que há por trás. *Convenit Internacional*, (31), 177-186. <http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm>

- Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38. <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/666>
- Bernardes, M. E. M. (2010). O método de investigação na psicologia histórico-cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano. *Psicologia Política*, 10(20), 297-313. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200009
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brito, C. M. D., Caro, C. C., & Amaral, L. M. (2015). Sociocultural aspects and violence in depressed women. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 14(1), 861-869. <https://doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v14i1.19542>
- Brito, M. M. L. A., Pereira, S. M., & Coelhos, G. G. (2021). Orações para Bobby: Um estudo de caso sob o olhar da psicologia histórico-cultural. *Perspectivas em Diálogo*, 8(16), 246-258. <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/index>
- Cabral, J. C. C., Corrêa, M. A., Neves, V. T., Dias, A. C. G., & Almeida, R. M. M. (2019). Do otimismo à agressão: Cognitiones positivas preveem comportamento violento em homens. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(1), 203-217. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6853>
- Carvalho-Barreto, A., Bucher-Maluschkea, J. S. N. F., Almeida, P. C., & Souza, E. (2009). Desenvolvimento Humano e Violência de Gênero: Uma Integração Bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86-92.
- Cerqueira, D. & Bueno, S. (Coord.). (2020). *Atlas da Violência 2020*. Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada (IPEA). <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020>

Cerqueira, D., Ferreira, H. & Bueno, S. (Coord.). (2021). *Atlas da Violência 2021*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2021>

Clarke, V., Braun, V. & Hayfield, N. (2019). Análise Temática. In: J. A. Smith. *Psicologia qualitativa: Um guia prático para métodos de pesquisa*. Vozes.

Clot, Y. (2014). Vygotski: A consciência como relação. (M. A. B. Ramos, Trad.). *Psicologia & Sociedade*, 26(spe2), 124-139. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600013>

Coelho, E. B. S., Silva, C. L. G., & Lindner, S. R. (Orgs.). (2014). *Violência: Definições e tipologias*. Curso Atenção a Homens e Mulheres em Situação de Violência por Parceiros Íntimos. Universidade Federal de Santa Catarina. www.unasus.ufsc.br

Cortez, M. B., & Souza, L. (2010). A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 129–142. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200012

Cortez, M. B., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 13–21. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2005000100003>

D’Agostini, M, Zanin, C. A. S., Moro, C. D., Czismoski, D. F., Giacometti, E., Oliveira, J. C. S. D., Basso, T. R. S., & Alegri, V. (2021). Representações sociais sobre relacionamento abusivo. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 20701-20721. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>

- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F. de, & Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: Uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 248–258. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902009000200008>
- Delari Junior, A. (2013). *Vigotski: Consciência, linguagem e subjetividade*. Editora Alínea.
- Diniz, N. M. F., Lopes, R. L. M., Gesteira, S. M. A., Alves, S. L. B., & Gomes, N. P. (2003). Violência conjugal: Vivências expressas em discursos masculinos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2), 81–88. <https://doi.org/10.1590/s0080-62342003000200010>
- Diniz, G. R. S. (2017). Trajetórias conjugais e a construção das violências. *Psicologia Clínica*, 29(1), 31-41. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652017000100004
- D’Oliveira, A. F. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: Reconhecer para mudar. *Interface (Botucatu)*, 23: e190650, 1-5. <https://doi.org/10.1590/Interface.190650>
- Einhardt, A., & Sampaio, S. S. (2020). Violência doméstica contra a mulher - Com a fala, eles, os homens autores da violência. *Serviço Social & Sociedade*, (138), 359-378. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.217>
- Fiorotti, K. F., Amorim, M. H. C., Lima, E. F. A., Primo, C. C., Moura, M. A. V., & Leite, F. M. C. (2018). Prevalência e fatores associados à violência doméstica: Estudo em uma maternidade de alto risco. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 27(3): e0810017, 1-11. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000810017>
- Fonseca, A. M., Galduróz, J. C. F., Tondowski, C. S., & Noto, A. R. (2009). Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 43(5),

743–749. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102009005000049>

Fonseca, D. H., Ribeiro, G., Soares, N., & Leal, B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: Realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307–314.

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19*. 3 ed. Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/

Franco, D. A., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2018). Violência doméstica e rompimento conjugal. *Pensando Famílias*, 22(2), 154-171.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200011&lng=pt&tlng=pt.

Friedrich, J. (2012). *Lev Vigotski: Mediação, aprendizagem e desenvolvimento – uma leitura filosófica e epistemológica*. Mercado de Letras.

Galbiatti, D. A., & Camargo, E. P. (2021). O conhecimento em Vigotski: Uma contribuição à compreensão do referencial histórico-cultural. *Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias*, 16(1), 128-139.

<https://doi.org/10.14483/23464712.15931>

Gomes, N. P., & Diniz, N. M. F. (2008). Homens desvelando as formas da violência conjugal.

ACTA Paulista de Enfermagem, 21(2), 262–267. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002008000200005>

Goulart, D. M. (2018). A pesquisa qualitativa em psicologia: Contradições, alternativas e desafios. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(1), 6-9. <https://doi.org/10.17267/2317->

[3394rpds.v7i1.1825](#)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1988). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=759>

Instituto Patrícia Galvão & Data Popular. (2013). *Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres*. Caderno Campanha Compromisso e Atitude. <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/dados-e-pesquisas-violencia/para-70-da-populacao-a-mulher-sofre-mais-violencia-dentro-de-casa-do-que-em-espacos-publicos-no-brasil/>

Kami, M. T. M., Larocca, L. M., Chaves, M. M. N., Lowen, I. M. V., Souza, V. M. P., & Goto, D. Y. N. (2016). Trabalho no consultório na rua: Uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem*, 20(3): e20160069. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160069>

Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (Eds). (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Organização Mundial da Saúde. <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>

Leite, F. M. C., Amorim, M. H. C., Wehrmeister, F. C., & Gigante, D. P. (2017). Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 51(33), 1-12. <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006815>

Lettiere, A., & Nakano, S. (2011). Violência doméstica: As possibilidades e os limites de enfrentamento. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(6), 1-8.

<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4460/5922>

Lhullier, L. A. (Org.). (2013). *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). <https://site.cfp.org.br/publicacao/quem-e-a-psicologa-brasileira/>

Lima, G. Q., & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica:

Contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511-520.

<https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400002>

Lírio, J. G. S., Gomes, N. P., Paixão, G. P. N., Pereira, A., Magalhães, J. R. F., Cruz, M. A &

Sousa, A. R. (2018). Abuso intrafamiliar na infância de homens em processo criminal por violência conjugal. *Acta Paulista de Enfermagem*, 31(4), 423-9.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201800059>

Lucena, K. D. T., Deininger, L. S. C., Coelho, H. F. C., Monteiro, A. C. C., Vianna, R. P. T.,

& Nascimento, J. A. (2016). Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, 26(2), 139-

146. <https://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>

Lucena, K. D. T., Vianna, R. P. T., Nascimento, J. A., Campos, H. F. C., & Oliveira, E. C. T.

(2017). Association between domestic violence and women's quality of life. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 25: e2901, 1-8. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1535.2901>

Madureira, A. B., Raimondo, M. L., Ferraz, M. I. R., Marcovicz, G. de V., Labronici, L. M., &

Mantovani, M. F. (2014). Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: Contribuições para o enfrentamento. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem*,

18(4), 600–606. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140085>

- Magrin, J. C., Andrade, A. L. M., Vicente, A. R., Carlos, D. M., Santos, M. A., & Oliveira, W. A. (não publicado). *Crenças de homens sobre violência doméstica contra a mulher: Um estudo exploratório*. Manuscrito não publicado – submetido para publicação.
- Marasca, A. R., Razera, J., Pereira, H. J. R., & Falcke, D. (2017). Marital physical violence suffered and committed by men: Repeating family patterns? *Psico-USF*, 22(1), 99–108. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220109>
- Marques, B. O. M., Erthal, R. M. C., & Girianelli, V. R. (2019). Lei Maria da Penha: Uma análise crítica à luz da criminologia feminista. *Revista Saúde em Debate*, 43(4), <https://doi.org/140-153>. [10.1590/0103-11042019S412](https://doi.org/10.1590/0103-11042019S412)
- Marques, E. S., Moraes, C. L. d., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: Overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4): e00074420, 1-6. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>
- Martínez-Moreno, M. J. (2017). O duplo registro do 'gênero' dos facilitadores de grupos reflexivos para homens autores de violência. In: A. Beiras, & M. Nascimento. (Orgs.). *Homens e violência contra mulheres: Pesquisas e intervenções no contexto brasileiro*. Instituto Noos, 169-192.
- Martins, A. G., & Nascimento, A. R. A. (2017). Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: Uma análise bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(1), 107-121. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000100009
- Meluzzi, C., Pinelli, E., Valvason, E., & Zanchi, C. (2021). Responsibility attribution in gender-based domestic violence: A study bridging corpus-assisted discourse analysis and readers'

perception. *Journal of Pragmatics*, 185, 73-92.

<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2021.07.023>

Meneghel, S. N., & Portella, A. P. (2017). Feminicídios: Conceitos, tipos e cenários. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(9), 3077–3086. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>

Mesquita, Y. M., & Corrêa, H. C. S. (2021). A “masculinidade tóxica” em questão: Uma perspectiva psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 21(1): e10936, 1-13. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e10936>

Miura, P. O., Silva, A. C. S., Pedrosa, M. M. M. P., Costa, M. L., & Nobre Filho, J. N. (2018). Violência doméstica ou violência intrafamiliar: Análise dos termos. *Psicologia & Sociedade*, 30:e179670, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i179670>

Nardi, S. C. dos S., & Benetti, S. P. C. (2012). Violência conjugal: Estudo das características das relações objetais em homens agressores. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 53–66. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100006&lng=ptissom=iso

Nery, I. S., Feitosa, J. J. M., Sousa, A. F. L., & Fernandes, A. C. N. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(3), 287-292. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048>

Oliveira, L. R. [Emicida], Fernandes, G., & Castro, T. (2020). Mulheres não têm que chorar [Música]. In: *Mulheres Não Têm Que Chorar* [Single]. Universal Music Ltda.

Oliveira, N. (2019). Disque Denúncia [Música]. In: *Disque Denúncia* [Single]. Comitê Inc., Universal Music Ltda.

- Oliveira, P. K. F. (2018). Notícias sobre violência contra a mulher veiculadas na mídia: Um estudo a partir da Análise do Comportamento. [Monografia, Universidade Federal do Maranhão (UFMA)]. <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2342>
- Oliveira, W. A., Magrin, J. C., Andrade, A. L. M., Micheli, D., Carlos, D. M., Fernandez, J. E. R., Silva, M. A. I., & Santos, M. A. (2020). Violência por parceiro íntimo em tempos da COVID-19: Scoping review. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(3), 606-623. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210306>
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2002). Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: Um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 13–17. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200003>
- Paixão, G. P. N., Pereira, A., Gomes, N. P., Sousa, A. R., Estrela, F. M., Silva Filho, U. R. P., & Araújo, I. B. (2018). Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: Percepções de homens processados criminalmente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 190-196. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475>
- Paula, R. C. M., & Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: Uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. *Revista Mosaico*, 10(2), 82-88. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1835>
- Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 9-25. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>
- Pimentel, A. (2011). *Violência psicológica as relações conjugais: Pesquisa e intervenção*

clínica. Summus Editorial.

Porto, M., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2014). A Permanência de Mulheres em Situações de Violência: Considerações de Psicólogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 267-276.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004>

Presidência da República. (2006). *Lei nº 11.340/2006*.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

Romio, J. A. F. (2017). *Feminicídios no Brasil, uma proposta de análise com dados do setor de saúde*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas].

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/femicidios-no-brasil-dados-saude/>

Rosa, A. G., Boing, A. F., Büchele, F., de Oliveira, W. F., & Coelho, E. B. S. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde e Sociedade*, 17(3), 152-160. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902008000300015>

Rothfuss, P. (2011). *O Temor do Sábio [The Wise Man's Fear]*. (V. Ribeiro, Trad.). Editora Arqueiro.

Saadi Tosi, L. J. (2017). A banalização da violência e o pensamento de Hannah Arendt: Um debate ou um combate? *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP*, 19(19), 131-159. <https://doi.org/10.36311/1983-2192.2018.v19n19.08.p131>

Salviati, M. E. (2017). *Manual do Aplicativo Iramuteq* (Apostila de Curso). Embrapa Cerrados.

Santos, G. L., Govoni, A. E., Bittencourt, H. B., Silva, J. B., & Fedrizzi, R. I. (2020). Violência doméstica contra a mulher: Uma revisão de literatura. *Revista Diaphora*, 9(3), 21-26.

<https://doi.org/10.29327/217869.9.4-4>

Santos, I. B.; Leite, F. M. C.; Amorim, M. H. C.; Maciel, P. M. A. & Gigante, D. P. (2020).

Violência contra a mulher na vida: Estudo entre usuárias da Atenção Primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1935-1946. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.19752018>

Santos, J. A. S., Trindade, V. L. R., Pereira, O. P., & Santos, L. S. (2020). Transtorno alimentar

e objetificação feminina: Um resultado das relações de poder? *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 3(7), 123-142. <http://doi.org/10.5281/zenodo.3992831>

Santos, L. (2015). Homens e expressão emocional e afetiva: Vozes de desconforto associadas

a uma herança instituída. *Configurações*, 15, 31-48.

<https://doi.org/10.4000/configuracoes.2593>

Santos, L. C. S., & Faro, A. (2018). Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma revisão

teórica. *Psicologia em Pesquisa*, 12(1), 1-10. <https://doi.org/10.24879/201800120010092>

Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: Potencialidades e

desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social (REFACS)*, 8(4), 960-966.

<https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>

Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de Pesquisa*

em Psicologia. (R. C. Costa, Trad.). 9 ed. AMGH.

Silva, A. F., Gomes, N. P., Pereira, A., Magalhães, J. R. F., Estrela, F. M., Sousa, A. R., &

Carneiro, J. B. (2020). Atributos sociais da masculinidade que suscitam a violência por parceiro íntimo. *Revista Brasileira de Enfermagem (Brasília)*, 73(6): e20190470, 1-7.

<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0470>

- Silva, F. A., Silva, F. P. P., Tavares, E. S., Oliveira, H. S. G., Neves, A. L. M., Silva, I. R., & Oliveira, K. N. L. (2015). Atenção psicossocial a homens autores de violência conjugal contra a mulher: Uma construção participativa. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(1), 177–191. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100015&lng=ptissom=iso
- Silva, G. C. F. O., & Laport, T. J. (2019). Machismo: Fruto de esquemas desadaptativos. *Revista Mosaico*, 10(1), 20-28. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i1.1758>
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação (Botucatu)*, 11(21), 93–103. <https://doi.org/10.1590/s1414-32832007000100009>
- Silva, M. L. (2011). *Uma realidade em preto e branco: As mulheres vítimas de violência doméstica*. [Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17503>
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: Do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(10), 4613-4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>
- Silva, S. A., Herzberg, E., & Matos, L. A. L. (2015). Características da inserção da psicologia nas pesquisas clínico-qualitativas: Uma revisão. *Boletim de Psicologia*, 65(142), 97-111. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432015000100009&lng=pt&tlng=pt
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.

<https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>

Souza, V. L. T., & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(3), 355-365.

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300005>

Strassacapa, J., Piracés-Ugarte, S., Kozyreff, A. M., Piracés-Ugarte, M., & Gomes, R. [Francisco, El Hombre] (2016). Triste, Louca ou Má [Música]. In *Soltasbruxa*. Warner Chappell Music.

Toassa, G. (2006). O conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17(2), 59-83.

<https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000200004>

Vieira, A. E. A. (2018). *Compreendendo a violência doméstica a partir dos depoimentos de homens autores de violência contra a mulher*. [Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina].

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/195738>

Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: O que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033. <https://doi.org/10.1590/1980-5497202000033>

Vieira, V. (2019). *Cultura de paz na luta contra a violência às mulheres e meninas*. Associação Mulheres pela Paz. <https://mulherespaz.org.br/livro-cultura-de-paz-na-luta-contra-a-violencia-as-mulheres-e-meninas/>

Waiselfisz, J. (2012). *Mapa da Violência 2012: A cor dos homicídios no Brasil*. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA), FLACSO Brasil, Secretaria de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR). <https://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia>

- Waiselfisz, J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. FLACSO Brasil. <https://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia>
- Wilhelm, F. A., & Oliveira, M. A. P. (2011). Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório. *Caminhos (Dossiê Humanidades)*, 2(2), 173-186. <https://www.unidavi.edu.br/revistaCaminhos/edicoesAnteriores>
- Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., & Caetano, R. (2010). Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Revista de Saúde Pública*, 44(1), 53–59. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102010000100006>
- Zanatta, J. A., & Costa, M. L. (2012). Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 344-359. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000200002&lng=pt&nrm=iso
- Zirbel, I. (2020). Cuidado, masculinidades e responsabilidade social. *Revista Mais que Amélias*, (7), 1-24. <https://rstmaisqueamelias.wixsite.com/maisqueamelias/2020>

Apêndice A

Roteiro para coleta de dados em entrevistas on-line

1. Conte-me um pouco de você e sua história.
2. Para você, o que é violência doméstica?
3. Você já presenciou uma situação de violência doméstica?
 - a. Em caso positivo: Como você reagiu?
 - b. Em caso negativo: Imagine que você testemunhe esta situação. Como você imagina que seria sua reação?
4. Eu vou ler algumas manchetes de notícias para você: 1) Suspeito é preso por tentar matar a facadas ex-companheira; 2) Mulher atacada por companheiro teve 86% do corpo queimado; 3) Jovem é morta pelo ex-companheiro na frente dos filhos; 4) Mulher é morta estrangulada pelo namorado, em Campinas/SP. Como você se sente quando assiste ou lê notícias como essas?
5. Qual sua opinião sobre um relacionamento entre duas pessoas em que ocorrem agressões?
6. O que você acha que justifica uma agressão em um relacionamento íntimo?
7. Você acha que a mulher, de alguma forma, tem culpa pela violência?
8. O que você acha que leva um homem a cometer um ato de violência contra sua parceira?
9. Conte-me o que você pensa de mulheres que são vítimas de violência doméstica.
10. Conte-me o que você pensa de homens que cometem violência doméstica contra suas companheiras.
11. Você acredita que já tenha praticado algum tipo de violência doméstica contra a mulher?
12. Você tem algum comentário para acrescentar?